

ESCARPAS ROCHOSAS E PINTURAS NA SERRA DE PASSOS/STA COMBA (NORDESTE DE PORTUGAL)

ROCK ESCARPMENTS AND ITS SCHEMATIC PAINTINGS IN PASSOS/STA COMBA MOUNTAIN
(NORTHEAST OF PORTUGAL)

*Maria de Jesus Sanches**
*Pedro Rafael Morais***
*Joana Castro Teixeira****

Resumo

Este texto pretende apresentar o mais extenso conjunto de sítios com pintura rupestre pré-histórica pós-glaciar conhecido no território português, localizado na Serra de Passos/Sta Comba (Nordeste de Portugal). Foi ali identificado um alargado grupo no Regato das Bouças já na passagem da década de 1980 à de 1990, altura em que foi objecto de registo por decalque e de classificação como Imóvel de Interesse Público. Com o recomeço das prospecções pela presente equipa em 2010, muitos outros abrigos com pintura esquemática foram descobertos. Dada a necessidade científica da sua divulgação o presente artigo focará a distribuição e análise espacial e topográfica das superfícies pintadas e procederá à divulgação dos registos por decalque realizados nos anos de 1990. Fará ainda a descrição sintética dos novos abrigos, que ilustra de modo fotográfico. Apresentará também uma visão de síntese deste conjunto de pinturas pré-históricas que, com propriedade, já poderemos denominar de “Batuecas portuguesas”.

Palavras-chave: Pré-história recente, Escarpas com pintura rupestre, pintura de tradição esquemática, Oculados pintados

Abstract

This paper will present the most extensive set of sites displaying post-glacier pre-historic rock paintings located in the Portuguese territory, specifically in the Serra de Passos/Sta Comba area of Northeastern Portugal. There, in Regato das Bouças during the passage of the 1980's to the 1990's, a wide group of sites had already been identified; they were recorded using decals over plastic and were classified as Public Interest Real Estate (a Portuguese Heritage classification). Since the beginning of archaeological survey by the current team in 2010, many other shelters displaying schematic painting were found. Given the scientific necessity of its divulgence the following article will focus on the distribution, spatial and topographic analysis of these painted surfaces as well as the divulgence of the recordings made by plastic decals during the 1990's. It will present a brief description of the new shelters that will be shown here through photographs. It will also present a briefed general analyse of this set of prehistoric paintings that we can already name as the “Portuguese Batuecas”.

Keywords: Recent prehistory, escarpments displaying rock paintings, schematic tradition paintings, painted eye-idols

* Arqueóloga. Professora Associada da FLUP; Investigadora do CITCEM (Líder de investigação do CEAACP à data da entrega do original): mjsanches77@gmail.com

** Arqueólogo. prafaelmorais@gmail.com

*** Arqueóloga. Investigadora do CITCEM (investigadora do CEAACP à data da entrega do original): joanacastroteixeira@gmail.com

0. PREÂMBULO

Este artigo tem um âmbito diferente da comunicação apresentada na MR II¹. A razão da não publicação daquela comunicação, que incluía um programa de gestão e de visita, prende-se com a preservação de um património tão frágil como é a pintura rupestre. Assim, após reflexão e discussão entre a equipa e desta com a Tutela do Património Cultural², optou-se pelo não estabelecimento de percursos que conduzissem o público em geral, de modo fácil, aos sítios com pintura das escarpas da Serra. Mesmo um complicado e dispendioso sistema de vigilância teria resultados incertos. Deste modo, o programa apresentado deixava de ter razão de ser na conjuntura actual.

Contudo, a obrigação científica da sua divulgação entre a comunidade científica e outro público interessado era uma prioridade, já que embora vários textos tenham feito a publicação parcial, tanto à escala nacional como internacional, nunca em nenhum se contemplou a totalidade do que era conhecido³. É a esta divulgação que o presente texto procura responder. Foi entregue em Julho de 2012 ao Ministério da Cultura, através da DRCN, um documento que contém a localização de todos o abrigos e painéis conhecidos até àquela data, acompanhado das respectivas coordenadas geográficas. Porém, pelos motivos aduzidos atrás, essas coordenadas não farão parte deste artigo.

1. HISTÓRIA DAS PESQUISAS

Os abrigos com pintura esquemática da Serra de Passos/Sta Comba foram descobertos por um dos autores (MJS) em 1989, enquanto decorriam as escavações arqueológicas do abrigo do Buraco da Pala. Foi identificado o que é conhecido actualmente por Abrigo 2 do Regato das Bouças, situado na margem direita do ribeiro epónimo, no estradão de acesso ao Cruzeiro, e cujos sedimentos foram parcialmente “limpos” no decurso da abertura do mesmo (embora o abrigo mantenha ainda potencial sedimentar com indícios de estruturas de ocupação humana). O Sr. Agripino Franqueiro, de Passos, surpreendido por darmos valor a “tão pouca coisa”, levou-nos ao espectacular abrigo conhecido por “Casinhas de Nossa Senhora”, situado mais abaixo, na margem direita do Regato das Bouças. Este foi depois denominado de Abrigo n.º 3. Estas descobertas despoletaram a prospecção da área envolvente, que se fixou sobretudo na escarpa da margem direita do Regato, já que na margem esquerda uma potente vegetação arbustiva e arbórea (com muitas silvas e giestas), que os incêndios posteriores a 1990 foram reduzindo, impedia o acesso às rochas. Mesmo assim, foi aí descoberto, no extremo nordeste da escarpa, numa zona com pouca vegetação, o Abrigo n.º 1. Na margem direita foram então identificados os abrigos 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8. Estes, em conjunto com o abrigo 1, foram propostos para classificação por um de nós (MJS) ao IPPAR, em 1990. Foram assim classificados como Imóvel de Interesse Público os abrigos do Regato das Bouças, em 1 de Junho de 1992 .

Em 1990 realizaram-se sondagens arqueológicas na encosta da margem esquerda, abaixo da escarpa quartzítica, e ainda sobre a plataforma que a encima. Permitiram identificar (i) os vestígios de um povoado sobre a plataforma contígua ao topo dessa escarpa, que denominámos de povoado da Mãe d'Água, e (ii) concluir que as cerâmicas e outros instrumentos, como percutores, que se espalhavam pela base da escarpa, indo até ao ribeiro das Bouças, provinham dos escorrimentos do povoado. Este estava praticamente destruído/desaparecido pela erosão pois somente uma sondagem revelou vestígios de uma camada de ocupação, com cerâmicas penteadas (SANCHES, 1997, II: 271-272). Estas permitiram atribuir cronologicamente o povoado aos meados do III milénio (em torno a 2800-2500 AC), por comparação com o material cerâmico estratigrafado e datado do nível I do abrigo do Buraco da Pala. No mesmo ano de

¹ O título da comunicação apresentada foi: *Programa de Estudo, Protecção, Gestão e Visita aos Monumentos Geo-arqueológicos e Paisagem da Serra de Passos/Sta. Comba - Mirandela/Valpaços/Murça: Trás-os-Montes – Portugal*, e aos autores do presente texto somaram-se Manuel João Abrunhosa e Hugo Pires.

² Agradecem-se os contributos do Dr. Paulo Amaral e do Dr. David Ferreira (DRCN).

³ Indicam-se as referências bibliográficas dos textos publicados sobre os Abrigos da Serra de Passos/Sta Comba: SANCHES, 1990; 1997; 2002; 2006; SANCHES *et al*, 1998; FIGUEIRAL & SANCHES, 1998-99.

1990 procedemos à realização de duas outras sondagens frente aos abrigos n.º 4 e 5, que não revelaram ocupação pré-histórica pois as datações absolutas apontaram uma ocupação do local na viragem da Era (FIGUEIRAL & SANCHES, 1998-99, Fig. 2). Durante o ano de 1989 e 1990 procedemos ainda ao registo em plástico polivinilo da quase totalidade dos abrigos do Regato das Bouças⁴, tendo sido necessário montar um andaime em madeira para o registo do abrigo n.º 3⁵.

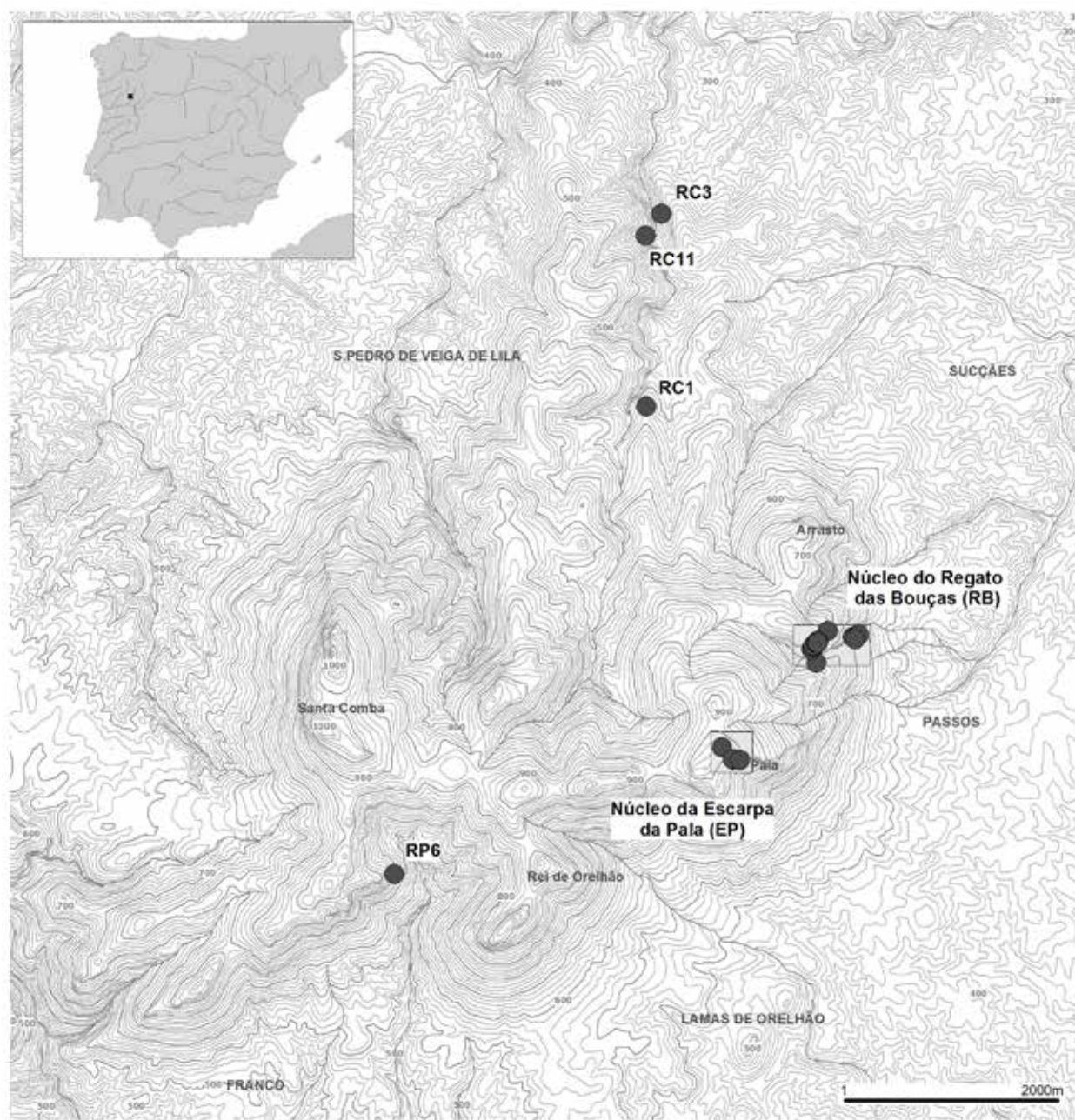


Fig. 1 – Mapa da Serra de Passos/Sta Comba e sua localização no mapa da Península Ibérica. Indicam-se os abrigos do Núcleo/Escarpa do Regato das Bouças e do Núcleo/Escarpa do Buraco da Pala. RC1, 3 e 11 são os abrigos da Ribeira da Cabreira (ou Ribeira do Fojo); RP6 é o abrigo 6 da Ribeira da Pousada.

Map of Passos/ Sta Comba mountain and its location on the map of the Iberian Peninsula. We indicate the following rockshelters: Regato das Bouças Escarpment group and Buraco da Pala Escarpment group. RC1, 3 and 11 are the rockshelters of Ribeira da Cabreira (or Ribeira do Fojo); RP6 is the n.º 6 rockshelter of Ribeira da Pousada.

⁴ Participaram neste levantamento Iva Botelho, Antónia Silva (alunas da FLUP) e Ermelinda Lima, estudante pré-universitária da aldeia de Abreiro. Este registo fez-se com o apoio financeiro do IPPC, e o apoio logístico da Câmara de Mirandela e do Sr. Agripino Franqueiro (de Passos), a quem devemos, efectivamente, a possibilidade de continuação dos trabalhos naquela Serra.

⁵ Tal estrutura de madeira foi montada (e depois desmontada) pela Câmara Municipal de Mirandela.

Uma limpeza das paredes do abrigo do Buraco da Pala (pejadas de *graffiti* a carvão e giz), em 1989, conduziu também à identificação e registo de dois painéis no abrigo (SANCHES, 1997, I, Est. LXII.1 e LXII). A galeria do fundo não foi verificada por falta de meios técnicos, mas veio revelar um terceiro painel (painel 3) na parede de topo da galeria do fundo do abrigo durante as prospecções desenvolvidas em 2012 por um dos autores (JCT).

Durante os anos de 1992 e 1993 uma prospecção alargada a outras áreas da Serra conduziu à localização de mais 3 abrigos na Ribeira da Cabreira (abrigos 1, 3 e 11 da Ribeira da Cabreira) e 1 abrigo na Ribeira da Pousada, de que também se fez registo. Em 2008, um dos autores deste texto (PRM), no âmbito da realocação dos sítios arqueológicos do concelho de Mirandela⁶, descobriu um novo abrigo/painel na margem esquerda da escarpa do Regato das Bouças, numa área recentemente limpa de vegetação por um incêndio. É o abrigo n.º 10.

Entre 1990 e 2006 fizeram-se algumas publicações parcelares deste conjunto de abrigos⁷ e, como se disse acima, nunca se procedeu à publicação total pois o desaparecimento do painel 3 do abrigo 3 do Regato das Bouças (Est. XII), logo em 1990, fez-nos reflectir sobre os modos de divulgação e de exposição a que sujeitaríamos o conjunto dos abrigos. Contudo, a partir de Outubro de 2010, a equipa que assina este texto decidiu regressar à prospecção, ainda que pontual, tendo descoberto a totalidade dos abrigos/painéis que agora se descrevem na Escarpa esquerda do Regato das Bouças (Fig. 2; Est. I), assim como à identificação dos abrigos/painéis da Escarpa da Pala (Fig. 10; Est. I). Naturalmente esta Escarpa da margem esquerda do Regato das Bouças necessita ainda de uma prospecção mais aturada, com meios técnicos de que não dispomos para subir em segurança às altas superfícies rochosas. Assim, os painéis localizados encontram-se quase todos até ao nível onde o olhar, em pé, pode vislumbrá-los, ou em locais onde é fácil trepar e aí permanecer em segurança. O mesmo se passa com a Escarpa da Pala. Na verdade, são todas as formações rochosas da Serra que necessitam de uma prospecção sistemática⁸. Acrescente-se ainda que até ao presente foram descobertos vários abrigos com potencial sedimentar para a realização de um estudo integrado, tendo, alguns deles revelado materiais pré-históricos à superfície. O registo com outros meios técnicos, como por ex. com recurso a metodologias espectrais e de modelação 3D, deveria ser aplicado a todos os abrigos/painéis conhecidos pois a simples manipulação em adequado programa de computador de algumas das fotos dos abrigos antes registados por decalque, tem revelado mais motivos do que aqueles que se vêem a olho nu, incluindo sobreposições/repintagens⁹.

2. SERRA DE PASSOS / STA COMBA: DESCRIÇÃO SINTÉTICA GEOMORFOLÓGICA, TOPOGRÁFICA E CLIMÁTICA

A localização geográfica, a topografia e a geologia que determinam as características desta Serra quer no passado, quer no presente, tem de ser entendida na articulação íntima com o território envolvente, tanto no que respeita à ocupação humana *stricto sensu* (artefactos/grafismos e seus contextos arqueológicos deixados intencional ou casualmente pelo Homem), como a outros vestígios mais abrangentes relacionados também com essa permanência (desflorestações, cultivos, entalhamento de rochas que a posterior erosão acelerou, etc.) e que ali deixaram os seus arquivos. Estes são mais difíceis de perscrutar, embora com metodologias acertadas se possa prosseguir nessa investigação. É o que intentamos desenvolver nos próximos anos pois sem eles obteremos sempre um conhecimento muito parcelar da ocupação humana da Serra de Passos/Sta Comba, e particularmente da compreensão das motivações, práticas e contexto social e ideológico das comunidades pré-históricas que criaram e usaram as escarpas, abrigos e outros espaços da Serra como locais onde fixaram também imagens nas superfícies rochosas através sobretudo da pintura.

⁶ Projecto desenvolvido pela Câmara Municipal de Mirandela.

⁷ Ver nota 6.

⁸ Que deve ser realizada no Outono ou Primavera pois a humidade do ar influencia tanto a visualização como a fotografia.

⁹ Como é o caso do Abrigo 1 do R. das Bouças.

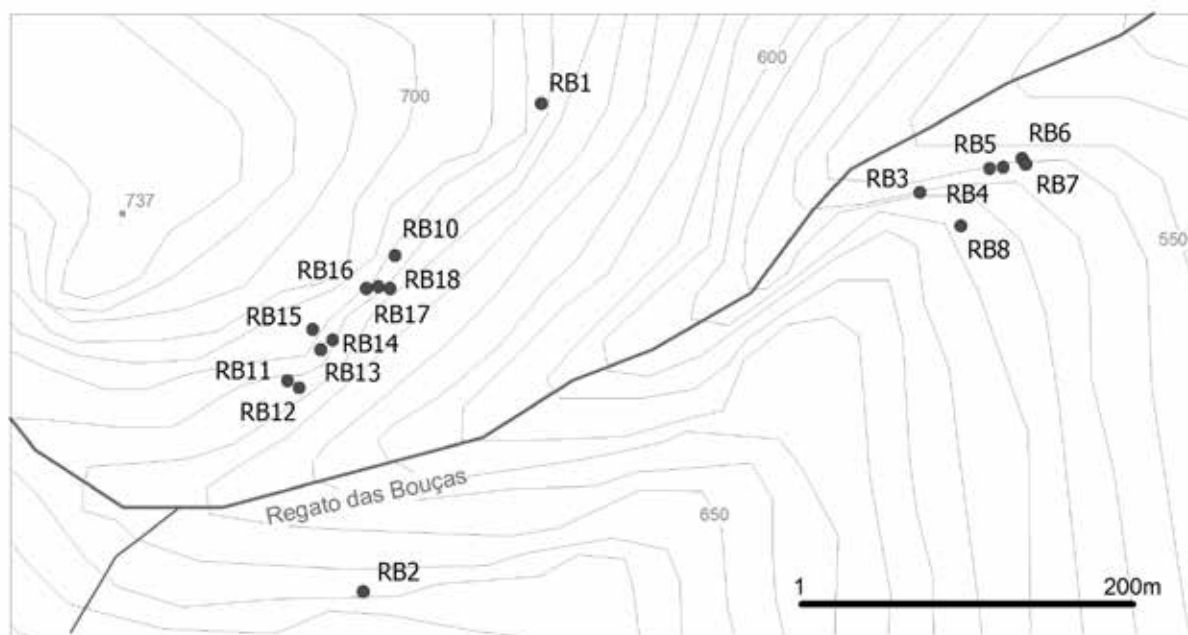


Fig. 2 – Localização dos abrigos das Escarpas do Regato das Bouças.

Localization of the rockshelters of the Regato das Bouças Escarpment.

A Serra de Passos/Sta Comba constitui uma espécie de “monte-ilha” sobre a parte oeste da bacia depressionária de Mirandela (Fig. 1). Integra-se no limite leste dos relevos que fazem a divisão entre Trás-os-Montes oriental e ocidental (TABORDA, 1932; RIBEIRO, 1977), isto é, no extremo do cordão montanhoso constituído pelas serras da Padrela (1147 m), Falperra e Burneira. Tem uma altitude máxima de 1016 m no Pico de Sta Comba e de 940 m no topo da Escarpa da Pala (Fig. 1). É esta altitude, relativamente elevada, se comparada com a das terras circundantes, acrescida de uma definição assaz clara dos seus contornos físicos – que podem ser definidos pelas curvas de nível dos 500-600m –, que fazem dela um importante marco topográfico na fisiografia deste alargado território do Nordeste. O seu relevo é vigoroso porque é marcado pelos quartzitos (do Silúrico), embora na zona nordeste da serra se desenvolva uma formação de xistos com intercalação de quartzitos, cherts e lidites (RIBEIRO, 1974). As formações de quartzitos e de xistos quartzíticos desenham “assentadas” que a erosão regressiva transformou em escarpas que coroam várias topografias e que têm expressão maior ao longo dos vales dos ribeiros que descem da Serra. Destacam-se, no que diz respeito ao objectivo deste texto, as escarpas da Pala, do Regato das Bouças, da Ribeira da Pousada e ainda os relevos e escarpas/abrigos da Ribeira da Cabreira.

Em termos altimétricos e climáticos, inscreve-se a serra em 3 patamares (Fig. 1). Até à altitude de 450-500 m, cota a partir da qual se desenvolvem os abrigos do Regato das Bouças e os da ribeira da Cabreira, regista-se um clima de Terra Quente sub-húmido seco, tal como na depressão de Mirandela, com reduzida pluviosidade (600-800 mm); acima esse patamar caminha-se paulatinamente para um clima sub-húmido (clima de transição para a Terra Fria de Planalto) que só se atinge completamente acima do 700 m, com uma pluviosidade em torno a 1000-1200 mm. A maioria dos abrigos situa-se no clima de transição; contudo, a Escarpa da Pala e o abrigo 6 da Ribeira da Pousada estão numa área já considerada de Terra Fria (AGROCONSULTORES & COBA, 1991) (Fig. 1). A água corrente da serra, que se expressa em ribeiras, é radial relativamente ao topo e faz parte da rede terciária da bacia hidrográfica do Tua (através da rede secundária: rios Tuela e Rabaçal). A cobertura vegetal espontânea está de acordo com estes patamares altimétricos e climáticos, embora os fogos repetidos e as reflorestações recentes, que implicam grandes mobilizações de solo e mesmo o desmantelamento de rochas e abrigos, tenham alterado grandemente a imagem que as populações locais tinham da Serra até aos anos de 1950/60. Cabe referir a abundância de

água ao longo dos vários cursos de água, e o aparecimento de nascentes naturais mesmo em topografias insuspeitadas, tudo decorrente da natureza geológica da Serra. Embora actualmente esta seja usada para a exploração florestal e para o pastoreio de Primavera/Verão (ovinos e caprídeos), ou somente de Verão (caprídeos), registava-se nos anos de 1950 uma intensiva exploração agrícola de regadio das margens do Regato das Bouças e da Ribeira da Cabreira (com hortas e pomares), assim como de cultivos de sequeiro em topografias superiores, onde se semeavam cereais e leguminosas (lentilhas e tremço). Represas, poços, canais, “levadas” e socacos são alguns dos vestígios dessa exploração agrícola que o plantio florestal ainda não destruiu completamente.

A tecnologia da sociedade contemporânea e o turismo também tem aqui expressão: torres de comunicações disputam o lugar altaneiro do cruzeiro no topo da Escarpa da Pala, e grupos de escalada fizeram desta escarpa lugar de acção e treino, incluindo linhas que passam a centímetros do painéis pintados, como é o caso do n.º 2 do Buraco da Pala¹⁰, tendo sido traçado recentemente nova escalada no tecto do abrigo n.º 2 do Regato das Bouças.

3. LOCALIZAÇÃO E DESCRIÇÃO DOS ABRIGOS/ PAINÉIS

Referir-nos-emos, no percurso da descrição, a motivos pintados que organizámos em grupos morfológicos, indicados por números romanos e representados no quadro da Fig. 4. Este quadro não é exaustivo, mostrando, outrossim, os motivos mais correntes bem como as figuras antropomórficas.

3.1. As Escarpas do Regato das Bouças

3.1.1. Escarpa da margem direita

Na escarpa da margem direita do Regato das Bouças encontram-se 7 abrigos: 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8 (Fig. 2). Vamos descrevê-los pela ordem pela qual se alinham ao longo do caminho de acesso a esta escarpa, na sua cota/altitude mais baixa.

Nos abrigos 6 e 7, que na assentada rochosa situada na parte mais baixa deste Regato precedem de imediato o abrigo n.º 5, não foram realizados registos por decalque. Das pinturas do 6 só temos notícias através da população local pois aqui o tecto “abateu” sob a acção de dinamite, deixando um caos de blocos de grande dimensão no solo; no tecto do 7 – uma comprida pala rasgada na horizontal – percebem-se 2 manchas de cor laranja muito claro, por entre uma espessa camada de líquenes. No abrigo/painel n.º 4, numa parede subvertical encimada por pequeno rebordo, por entre uma fina, mas resistente, camada de líquenes, parece insinuar-se, a negro, um antropomorfo montado sobre um quadrúpede. Contudo, quer a cor usada (que no contexto da serra seria, para já, uma excepção), quer a dificuldade de perceber os motivos, fazem-nos ser cautelosos quanto a esta identificação. Assim, tanto o Abrigo 7 como o 4 necessitariam de análises à composição dos “motivos pintados”, bem como ao uso de métodos de registo (fotografia multispectral, por exemplo) que “ultrapassem” os líquenes para efectivamente nos certificarmos da sua veracidade.

O n.º 5 é um abrigo no sentido literal do termo: uma grande concavidade aberta na parte basal da alta parede rochosa. Tem cerca de 4 m de altura e define-se em planta como um ângulo quase recto. A erosão, e talvez a acção humana, criaram pequeníssimos painéis naturais, que sobressaem da parte mais recuada. Em 7 destes, situados entre 1 e 1,5 m de altura, foram identificados (após breve limpeza com água) e registados por decalque, motivos pintados esquemáticos de extrema simplicidade, cuja cor varia entre o vermelho vinhoso (muito esvaído) e o laranja ferruginoso (Est. V). Os painéis 1 a 4 alinham-se em sequência vertical e contêm sobretudo grupos de pontos subcirculares que, nalguns casos (p. 2) ganham a forma de dedadas (VII). Os painéis 7 e 5 exibem igualmente um agrupamento de pontos pintados, mas, no painel 6, apesar da má conservação, ainda se perscruta um motivo que é corrente neste grupo de abrigos e que consiste numa série de barras verticais encimadas (ou não) por uma horizontal e que por facilidade passaremos a denominar de *barras*, ou *barras paralelas* (I).

¹⁰ Ver, por ex.: <http://spotsescalada.wordpress.com>

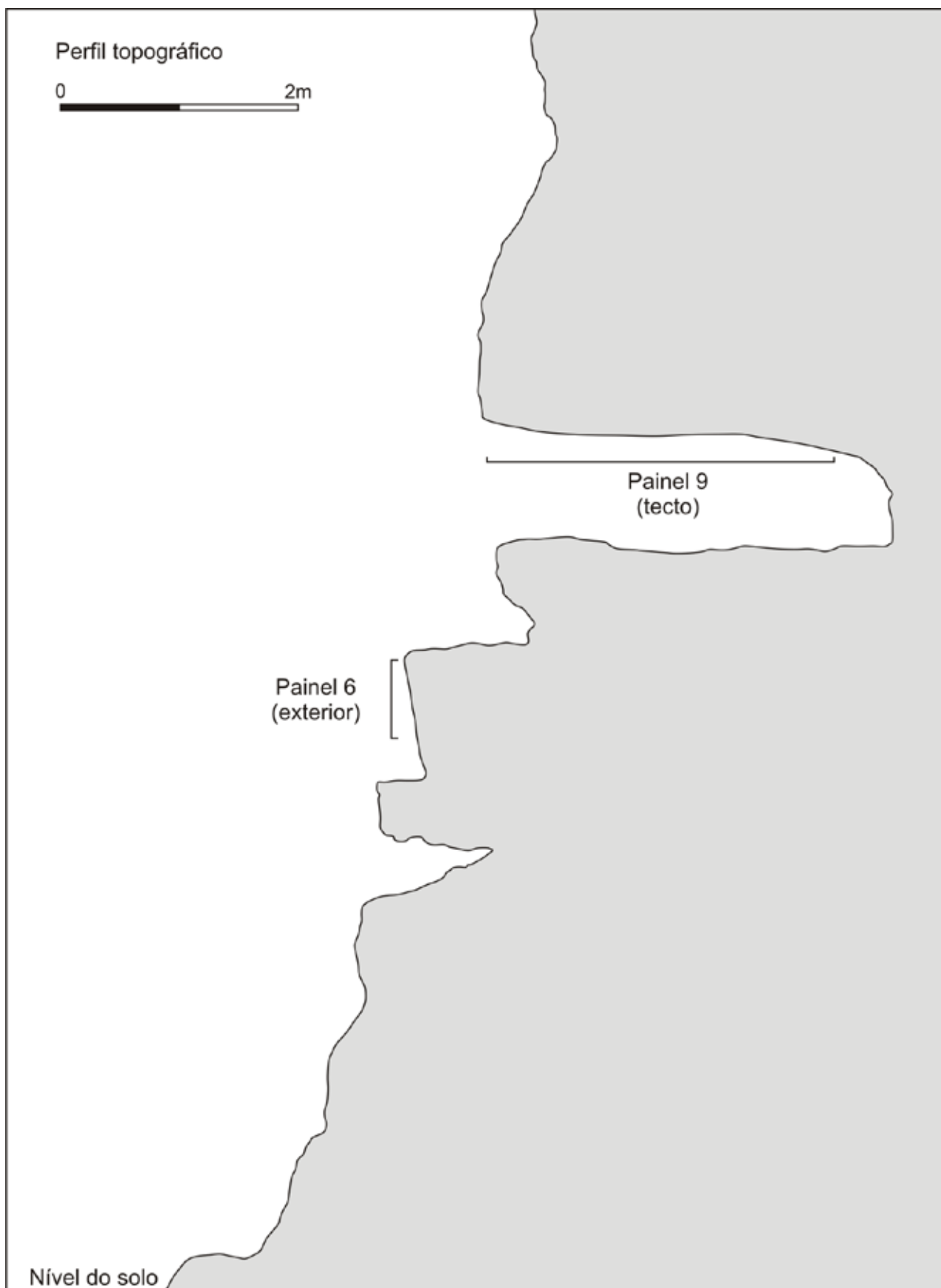


Fig. 3 – Perfil topográfico esquemático do abrigo 3 do Regato das Bouças.

The schematic topographic profile of Regato das Bouças rockshelter n° 3.

O abrigo 3, Casinhas de Nossa Senhora, é o maior e mais espectacular de toda a Serra. Abre-se numa parede de rocha voltada a NE, aproximadamente a meia altura daquela de modo que para lhe aceder é necessário trepar pela rocha acima. Contudo, a existência de um patamar prévio facilita a subida (Est. II e Fig. 3). É deste patamar que se acede à fenda principal – Casinhas – e a outro patamar que fica frente a uma outra fenda, menos profunda, e localizada à direita da primeira – o abrigo Vermelho. Foi assim denominado por possuir paredes muito irregulares, nas quais sobressaem pequeníssimos painéis (similares aos do abrigo 5), todas manchadas de óxidos de ferro vermelhos¹¹; destacadas manchas vermelhas e, ainda que em menor grau, negras de turmalina (?) emergem assim das fissuras e irregularidades da rocha. Contém 7 painéis com pinturas que nunca foram decalcadas pois o patamar não oferecia segurança e o andaime colocado para o registo do abrigo Casinhas não fora montado para lhe aceder (ainda não eram conhecidas as suas pinturas). O conjunto abrigo Casinhas/abrigo Vermelho, que denominamos de abrigo 3, concentram a maioria dos motivos conhecidos até ao presente em toda a serra. Merecem assim uma atenção redobrada na sua descrição.

O abrigo Casinhas – fenda rochosa rasgada na horizontal –, tem 2,5 m de largura por 3,5 m de profundidade e 1 m de altura no interior. Só permite que aí se permaneça deitado ou sentado (Fig. 3; Est. II). Rodeando a entrada desta fenda, encontram-se vários painéis, alguns dos quais não acessíveis sem andaime – painéis 1 e 2 –, situados do lado esquerdo da boca da entrada. Na continuidade desta parede rochosa para o lado esquerdo, e ainda sem acesso a não ser por andaime, temos os painéis 3 e 4. Mais abaixo, ao nível do patamar e ainda do lado esquerdo, os painéis 7, 8 e 11¹². Na parte central, sob a base da fenda, encontram-se os painéis 5 e 6. Do lado direito, ao nível do patamar direito, temos o painel 10. Em síntese, rodeiam a fenda principal 10 painéis (Est. XI, XII, XIII e XIV).

No interior, a área iconografada, bem como o número de figuras é superior. Temos por um lado o tecto do abrigo, que denominamos de painel 9 e que contém pinturas desde a entrada até ao fundo. Devemos referir que o tecto é de dimensões maiores (em comprimento) que a base do abrigo, pelo que tem uma área próxima de 9 m². A meio do abrigo existe uma coluna rochosa que é precedida de um friso, na continuidade do tecto – painel 9A (Est. VIII); do lado direito existe uma parede vertical de rocha que não atinge a entrada e a que foi atribuído o n.º 9B (Est. VIII). Entre esta parede e a “boca da entrada” abre-se uma fenda muito irregular, que se desenvolve em altura, pelo coração do maciço acima, onde cabe uma pessoa em pé. Ostenta 6 painéis – 9C, 9D, 9E, 9F, 9G, 9H e 9I – alguns dos quais situados sempre na penumbra (Est. IX a XI). Deste modo, e como se pode comprovar pelas imagens, a maioria dos motivos encontra-se no interior do maciço, nas suas duas fendas, com destaque para o tecto da fenda principal (Est. VI-VII).

Por exiguidade de espaço não faremos a descrição painel a painel já que estes estão reproduzidos nas estampas deste texto. Cabe referir que toda a temática é geométrico-abstracta, destacando-se alguns motivos muito formalizados que são correntes na arte holocénica de tradição esquemática. Adiantamos desde logo que a enumeração, descrição e decalque dos motivos, não dá conta da riqueza iconográfica e cromática dos diferentes painéis e particularmente do tecto. Na realidade, um registo multiespectral, conjugado com vistas 3D, que mostrasse a relação dos motivos, suas cores, com as particularidades da rocha, com destaque para as fissuras, anfractuosidades e colorações naturais – que vão do negro ao vermelho, passando por vários tons de amarelo e laranja –, seria o modo representacionista que mais se aproximaria da peculiaridade e riqueza temática que fascina o olhar do observador do presente¹³.

¹¹ Foi Paulo Lima que no âmbito da sua Dissertação de mestrado realizou análises XRF qualitativas e semi-quantitativas a manchas vermelhas do abrigo Casinhas, bem como aos dois esteliformes. Em ambos os casos, mas particularmente as manchas, revelaram elevadas quantidades de Fe (LIMA, 2013).

¹² Este pequeno painel só foi descoberto recentemente. Deste modo não foi decalcado. Por entre uma mancha de óxidos vermelhos, vislumbra-se um motivo formado por 3 barras verticais mais carregadas, de cor vermelho vinho, que parecem ter sido realizadas com o dedo após bem mergulhado em tinta.

¹³ Este levantamento multiespectral foi ensaiado, já em 2010, por Hugo Pires, Paulo Lima e Luis Bravo Pereira (PIRES, LIMA & PEREIRA 2011; LIMA, 2013), embora o trabalho não tenha tido continuidade devido a factores alheios à nossa vontade e à da equipa. Porém, mesmo assim, obtiveram-se resultados muito positivos no que se refere à mais clara visualização de alguns motivos, e particularmente ao esteliforme direito e sua envolvente (LIMA, 2013).

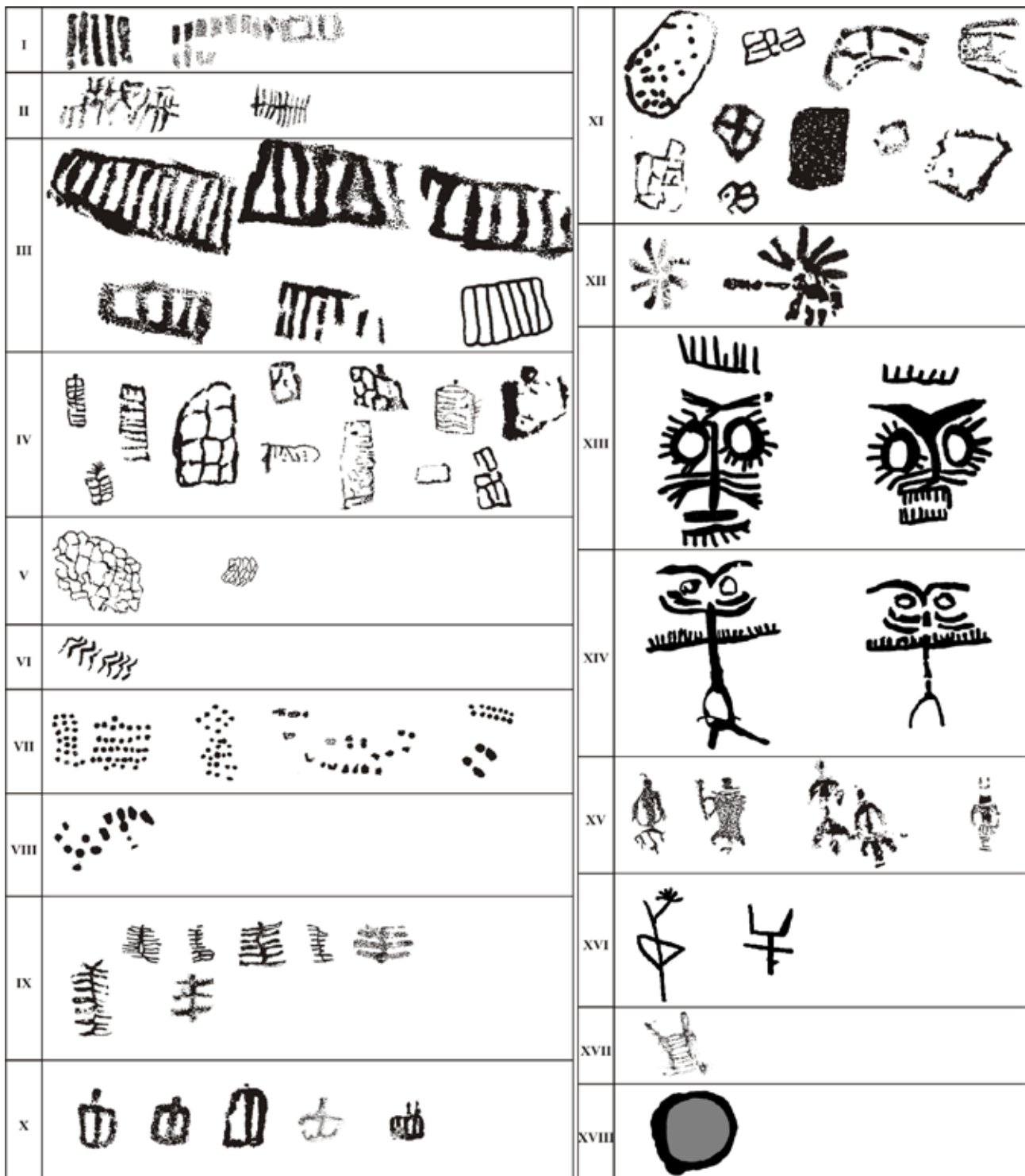


Fig. 4 – Quadro dos motivos mais representativos dos abrigos da Serra de Passos.

Table of the most representative painted motifs in Passos mountain rockshelters.

Indicamos somente algumas das figuras desse conjunto esquemático, ilustradas pelos decalques (e identificadas no quadro da Fig. 4). Temos assim: I) barras paralelas simples; II) barras atravessadas longitudinalmente por um traço regular ou irregular; III) barras unidas por um traço perpendicular (“pentiformes”) ou por dois, nos extremos, formando, estes últimos, rectângulos mais ou menos regulares

de tipo “escaleriforme” e ao conjunto dos quais chamamos entre nós de “grelhador” dadas as variantes que apresentam sobretudo na fase I (ver mais abaixo) (Est. VI e VII); IV) figuras geométricas de tendência sub-rectangular, por vezes atravessadas verticalmente por uma ou mais linhas e, ainda, algumas vezes, encimadas por um ponto ou apêndice, constituindo o que parecem ser “idoliformes”, outras vezes terminam em ogiva ou em apêndice (outra variante do que se vulgarmente denomina de “idoliforme”); V) figuras em “favo de mel”, de ângulos internos arredondados (Est. VI e XII) ou angulosos (“reticulado de estrutura losângica”) (Est. XI); VI) grupos de linhas quebradas paralelas; VII) pontos pintados formando alinhamentos, figuras geométricas/rectângulos, ou somente agrupamentos; VIII) marcas dos 5 dedos da mão, estando esta flectida, e que denominamos de “marcas digitais de mão”, prolongadas por pontos (Est. VI); IX) arboriformes variados; X) antropomorfo em *phi* muito esquemático, roçando a total abstracção, que é uma figura muito formalizada constituída por desenho sub-rectangular ou oval, atravessado verticalmente e encimado por um ponto (por vezes, em vez de um segmento interior, possui 2 — Est. XI); XI) conjunto diverso de figuras geometrizes de difícil descrição (normalmente só ocorrem uma vez); XII) esteliformes¹⁴.

No Abrigo Vermelho os painéis distribuem-se pela parte esquerda e central, entre 65 cm (painéis 6 e 7) e 230 cm de altura (painéis 1 e 2). As cores variam entre o vermelho vinhoso (algo esvaído) e o vermelho vivo ou alaranjado (por vezes laranja ferruginoso), sendo os motivos (normalmente 1 por painel) todos geométrico-abstractos. Por comparação com o Abrigo Casinhas, e seguindo o quadro de motivos, temos representados os seguintes: I, III e VIII (embora este abrigo necessite, como se disse, de um registo de pormenor).

A particularidade do abrigo Casinhas (considerando todos os seus painéis) é que este é, até ao presente, o único que apresenta *algumas sobreposições e motivos repintados/retocados parcialmente* – painéis interiores 9 a 9I e painel 5, no exterior¹⁵. Se articuladas aquelas sobreposições com (i) a *relação cromática dos motivos*, (ii) (com) *o seu grau de formalização*, e ainda (iii) com a distribuição espacial interna, conseguimos vislumbrar uma grosseira estratigrafia figurativa. Assim, à estratigrafia, no sentido literal do termo, que incide nas sobreposições, juntamos a estratigrafia horizontal que articula a distribuição dos diferentes motivos com as suas cores e seu grau de formalização.

As sobreposições, em fraquíssimo número, dizem sempre respeito a motivos de coloração amarelo claro que são sobrepostos por outros de cor vermelho vinhoso (3 casos). Em todos os casos os motivos de cor amarelo claro já se veriam mal, ou estariam semi apagados quando outros motivos se lhe sobrepuseram. Assim acontece: a) no painel exterior n.º 5 onde uma figura rectangular de tipo “escaleriforme” (III) e de cor vermelho vinhoso se sobrepõe a um motivo que lhe era similar (Est. XII); no painel 9I, onde outra figura de tipo “escaleriforme”, ou rectângulo segmentado interiormente de cor amarelo claro (III), é sobreposto por um finíssimo, cuidado, e bem conservado, motivo reticulado de estrutura losângica/favo de mel de cor vermelho vinhoso (V) – cujo tamanho natural é de 4x3 cm –, e ao lado do qual foi desenhado um pequeníssimo rectângulo segmentado – III –, da mesma cor (este tem traço tão fino que não ultrapassa 1/1,5 mm – Est. XI); c) na parte mais recuada do tecto – painel 9 – um motivo do grupo III, foi primeiramente retocado a cor laranja ferruginoso e posteriormente sobreposto por alguns pontos – VII – e por um motivo em *phi* – X –, sendo estes últimos motivos de cor vermelho vinhoso (Est. VI). Noutros casos deste painel 9, alguns motivos de cor amarela parecem ter sido retocados parcialmente (e num caso, totalmente) com cor laranja ferruginoso (Est. VI-VII).

Tal como apontámos em anteriores publicações (SANCHES, 1997; 2002; 2006), a estratigrafia figurativa atende também à distribuição dos motivos no espaço disponível no abrigo 3, particularmente nos painéis 9, 9A, 9B, 9G, 9H e 5. A sua organização em “fases” é quase metodológica pois, como veremos, a ausência de composições estruturadas e o modo como terão sido criados os painéis não admitem o conceito de fase *stricto sensu*. Distinguímos mesmo assim dois momentos ou “fases”: I e II. Num primeiro momento, ou na mais antiga “fase” de gravação – fase I a/b – criam-se motivos predominantemente de cor amarelo-clara

¹⁴ Os restantes motivos só ocorrem no abrigo 2 e nos restantes abrigos da Serra, sendo descritos na altura própria.

¹⁵ Algumas manchas dos abrigos 11 e 1 da Escarpa da margem esquerda do Regato das Bouças também nos parecem repintados, como referiremos adiante. Contudo, até ao momento só no abrigo 3 pudemos realizar esta análise fina.

ou amarela alaranjada. Em certas zonas, como nos painéis 9C e 9D, o amarelo claro pode corresponder à deterioração da cor amarela alaranjada. Na “fase” Ic pontuam motivos de cor amarelo ferruginoso e são feitos retoques com cor laranja em motivos de cores claras (dentro do amarelo), e que já então estariam delidos (podendo pertencer a Ia/b). A título de exemplo, nesta fase incluímos os esteliformes e alguns arboriformes (embora na fase I a/b também apareçam arboriformes menos formalizados). A “fase” II seria marcada pelos motivos claramente de cor vermelho vinho. Como se disse acima, a divisão mais clara nota-se na tipologia e cor (existe uma associação formal com a cor) que distingue as fases I e II, embora tal faseamento possa não corresponder a um momento preciso. Na realidade, o que é de destacar neste abrigo é que à parte as sobreposições referidas, parece ter havido o cuidado de não anular os motivos pré-existentes, distribuindo-se os motivos – que cremos terem sido realizados ao longo de um tempo assaz alargado – pelo espaço disponível, e obedecendo a critérios organizativos que nos não é possível vislumbrar. Neste contexto, as sobreposições parecem dizer respeito a áreas cujos motivos já se veriam mal. Cremos assim que o conjunto pictórico resultará da acumulação de motivos ao longo do tempo, ou seja, dum somatório contínuo, pontuado pelo respeito pelos motivos pré-existentes, e onde somente conseguimos distinguir que os motivos da fase I se distribuem por todas as áreas interiores do abrigo e pelos painéis 3, 5 e 6 do exterior; e que os motivos da fase II ocupam predominantemente zonas bem iluminadas pela luz exterior, com destaque para os painéis exteriores e ainda para o abrigo Vermelho (pouco profundo e bem iluminado). Do ponto de vista tipológico poderemos dizer que à excepção da figura que consideramos em *phi* grego (motivo X), *que está ausente na fase anterior*, quase todos as restantes aparecem indiferentemente em ambas as fases¹⁶. Porém, na fase II são muito mais pobres na sua diversidade e mais formalizadas, mais repetitivas, particularmente as barras – I – pentiformes/escaleriformes – III –, e alguns arboriformes.

O abrigo 8 situa-se na base protegida de um pequeno afloramento, de entre muitos que se distribuem pelo topo da Escarpa, sendo sobranceiro ao Abrigo 3 (Casinhas e A. Vermelho). Possui 2 painéis pintados de vermelho vinho (Est. XIV). O maior, – nº 2 –, ocupa uma parede vertical, quase ao nível do solo, e está quase todo protegido pela pala. No rebordo da pala, e sobre o anterior, numa pequena superfície já desprotegida, está o painel 1, que contém um único motivo em forma de barra (I), muito delida pela intempérie (Fig. 5).

O painel 2 merece destaque pois além dos dois arboriformes com “ar” antropomórfico, associa um escaleriforme a um rectângulo, tudo preenchido de tinta vermelha (tom vinho). A parte direita do painel está bastante apagada pela erosão e pelos líquenes. Porém, verificamos que a pequena limpeza de líquenes que ali fizemos para poder ver as figuras, revelou-se fatal. No presente, estas figuras estão muito mais deterioradas que inicialmente. Por este motivo, desaconselhamos a limpeza de líquenes em figuras pintadas, já que esse gesto vai acelerar a sua destruição. Associamos este abrigo à fase II devido ao tipo de motivos, cor e sua formalização.

O abrigo 2 do Regato das Bouças é o primeiro abrigo da assentada de afloramentos da margem direita que, mais abaixo, se desenham em escarpa, e onde se localizam os abrigos até agora descritos. Contudo, dado o percurso do Regato e a configuração das escarpas, ocupa uma posição geograficamente “central” entre a Escarpa da margem direita e a da margem esquerda (Fig. 1 e 2). Tal como o abrigo 5, é um abrigo no sentido literal do termo, mas foi, como se disse atrás, bastante danificado na sua componente sedimentar aquando da abertura da estrada florestal que dá acesso ao topo da serra de Passos. O abrigo apresenta uma morfologia sub-rectangular com cerca de 8,5 m de profundidade máxima e aproximadamente 10,5 m de altura na entrada. Antes da destruição teria cerca de 4,5 m na entrada (Fig. 6). O tecto é horizontal e quase em ângulo recto em relação às paredes oeste e sul. Do lado este a parede do abrigo é formada por blocos irregulares e por sedimentos que ali se acumularam. Na parte mais recuada, parede sul, definem-se 2 pequenas mas alargadas superfícies relativamente planas e verticais, uma sobranceira à outra. No rebordo esquerdo da superior (que está enegrecida pelo fumo), e numa

¹⁶ Empregamos a palavra “quase”, pois na verdade há alguns motivos do grupo XI (que figuram como casos únicos tanto neste abrigo como em toda a Serra), que podem ou não associar-se a ambas as fases.

superfície subtriangular, desenha-se o painel 1¹⁷. Abaixo deste, ao nível do solo primitivo, temos o painel 3. O painel 2 localiza-se na parede oeste, fora do alcance directo do olhar, mas antes da destruição estaria à altura de uma pessoa de estatura baixa (cerca de 1,60 m).

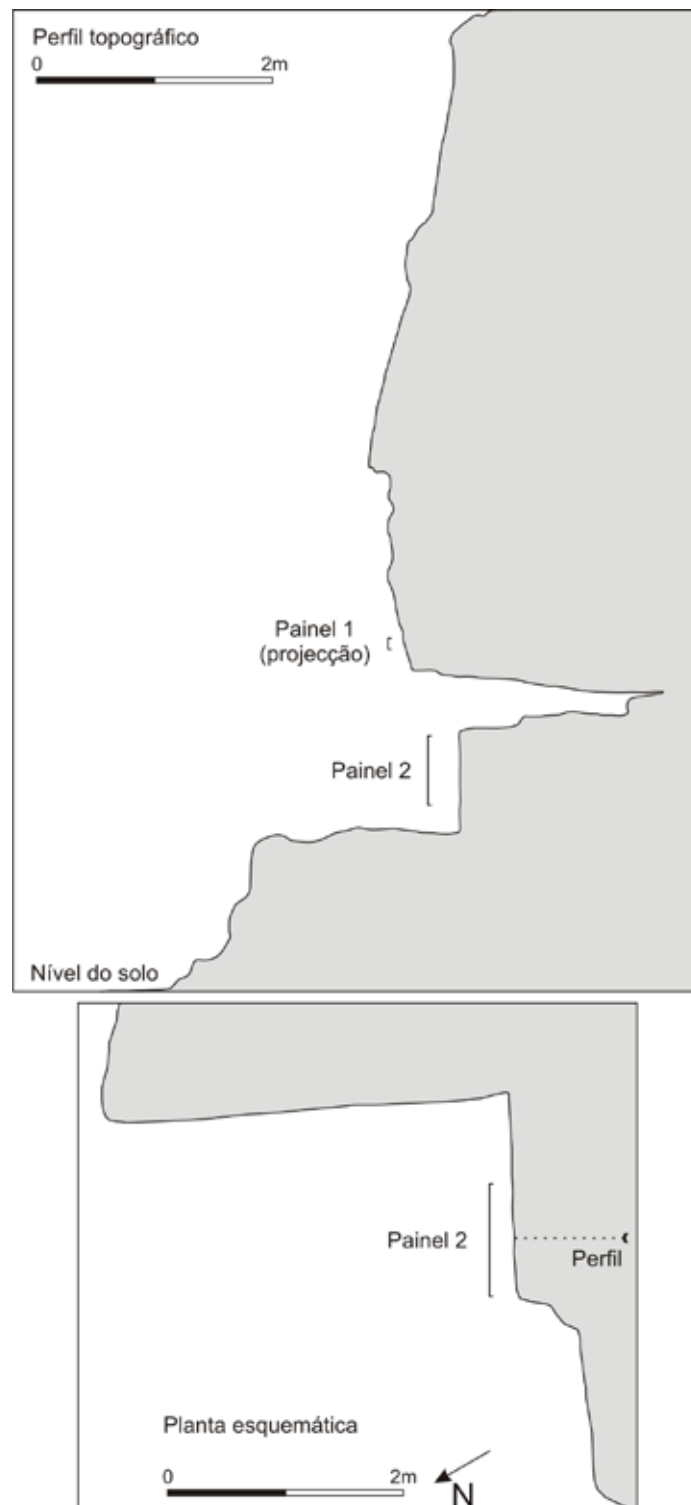


Fig. 5 – Perfil e planta esquemática do Abrigo 8 do Regato das Bouças.

Topographic profile and schematic plan of Regato das Bouças rockshelter nº 8.

¹⁷ Nesta área sul e no extremo esquerdo da parede do fundo, abre-se uma “câmara”, muito baixa, com potencial arqueológico pois tem sedimentos e uma estrutura de tipo “caixa” que conviria escavar. Esta câmara não tem pinturas.

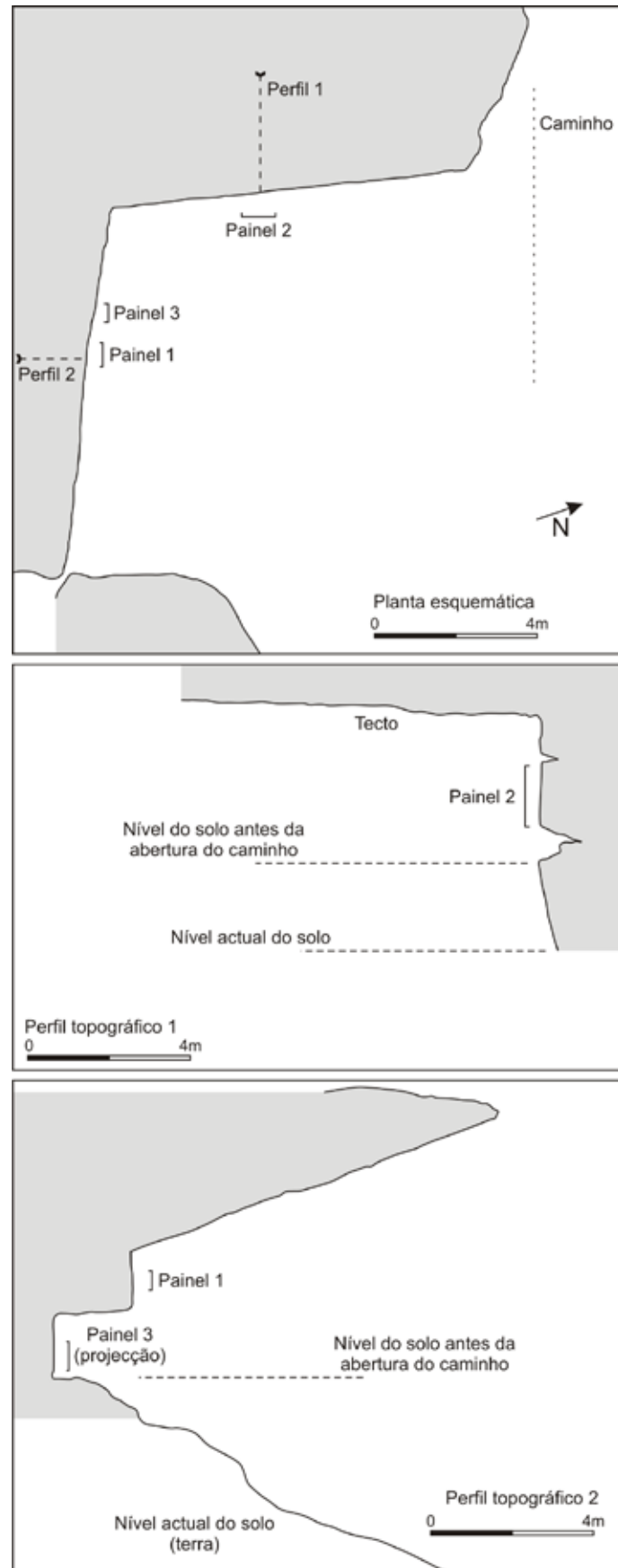


Fig. 6 - Planta esquemática do abrigo 2 do Regato das Bouças. Perfis 1 e 2 do mesmo abrigo.
Schematic plan of Regato das Bouças rockshelter n° 2. Topographic profiles numbers 1 and 2 of the same shelter.

Nos seus 3 painéis este abrigo apresenta figuras antropomórficas que tipologicamente se não repetem em nenhum outro abrigo desta Serra e que definem o grupo de motivos XV: *antropomorfos semi-esquemáticos e esquemáticos* (Fig. 4). No painel 1, de cor vermelho vivo, alinham-se 3 pequenas figuras humanas semi-esquemáticas, estilisticamente diferentes entre si, situando-se ainda acima do painel um traço recto (Est. IV). A figura antropomorfa da direita tem o corpo sub-rectangular alongado, similar a figuras de arte megalítica e particularmente à figura “pele esticada de animal”, aqui em tamanho pequeno. Liga-se a uma barra vertical que pode ser um instrumento (bastão?)¹⁸. A segunda figura tem também o corpo sub-rectangular, alongado, um apêndice na cabeça, os braços em arco e a parte inferior terminada em 3 apêndices unidos por uma barra; a terceira, muito delida, parece ter sido similar a esta última que descrevemos. No painel 2, também de cor vermelho vivo, encontramos um agrupamento de 3 figuras antropomórficas esquemáticas (ou, por certo, de 4), tendo à direita uma barra. Tem corpo reduzido a simples traço, braços em arco e parte inferior com 3 apêndices, simulando, talvez, as pernas e o sexo masculino (?) mais comprido que aquelas. No painel 3, agora já todo em cor vermelho vinho, encontra-se na sua parte mais baixa uma figura antropomorfa de corpo rectangular, braços em arco, sendo inferiormente provida de uma espécie de “saia” que não é mais do que um motivo pentiforme; e a este seguem-se alguns traços horizontais. Original é também a cabeça, sub-rectangular e encimada por dois apêndices, similares a um penacho. No conjunto, esta figura lembra também antropomorfos megalíticos, sendo de acentuar que a cabeça encimada por apêndices parece se assemelha grandemente ao idoliforme sub-rectangular da laje de cabeceira do dólmen de Antelas (Oliveira de Frades)¹⁹. Acima desta figura existe uma grande mancha da mesma cor, muito deteriorada. Pode ter sido um motivo formalizado pois na parte superior simula um motivo oculado, de tipo “máscara”/face.

3.1.2. Escarpa da margem esquerda

Os abrigos/painéis são apresentados, na ordem inversa dos anteriores, como se caminhasse de sudeste para nordeste, portanto na direcção da corrente do Regato das Bouças (Fig. 2; Est. I). Esta alongada e alta escarpa, no topo da qual teria existido um possível povoado, denominado de Mãe d'Água, ainda é mal conhecida. Só encontramos aí um abrigo no sentido literal do termo: abrigo 1. Os restantes consistem em painéis verticais protegidos por pequenas palas ou saliências horizontais, e por pequenos nichos ou divertículos que se adentram na parede rochosa.

O abrigo/painel 11 do Regato das Bouças consiste num grande painel vertical voltado aproximadamente a sudoeste, de contorno sub-rectangular, com 1,30 m de largura e cerca de 1,20 m de altura (Est. I), mas a sua base ainda dista do solo aprox. 90 cm. Conserva pelo menos 18 figuras, todas pintadas em vermelho vinho²⁰. Denominamo-lo de painel das figuras oculadas pois a maioria dos motivos parecem ser “oculados” (Est. II): motivos XIII e XIV. Apresenta, no topo superior, na parte mais larga, uma composição formada por alinhamentos horizontais de motivos²¹, alguns dos quais manchados e outros bastante “apagados” pois quando lhe cortam a vegetação que tem na sua frente, ou quando esta arde, fica plenamente exposto à luz solar directa. Alinhamento superior esquerdo (Est. 2 e Figs 7 e 8): 1) grande face oculada de tipo “máscara”²² (de olhos simples); 2) restos da parte supraciliar de outra “máscara”; 3) mancha de contorno subcircular; 5) figura oculada, com olhos radiados, de corpo inteiro e braços em arboriforme horizontal, com corpo e pés reduzidos a um traço vertical; 6) figura oculada, com olhos simples, de corpo inteiro e braços em arboriforme horizontal, provida de corpo e de duas pernas (terminadas por 4 apêndices-dedos?), em atitude “dinâmica”. Em plano um pouco inferior e desenvolvendo-se para a direita, dá-se

¹⁸ As figuras deste painel encontram-se actualmente bem mais apagadas do que em 1989, quando as decalcamos. O hábito de humedecer as pinturas para obter melhores fotos, é corrente, mesmo entre investigadores, mas é tremendamente destrutivo. Assim, o nosso registo já dá conta de uma realidade pictórica que existia em 1989-90.

¹⁹ Referimo-nos ao decalque realizado por Domingos Cruz e Fernando Barbosa, sendo que o primeiro nos permitiu a sua publicação. Ver, por ex., CRUZ, 1995; 2001 e SANCHES, 2012: Fig. 9.

²⁰ Dado o atraso desta publicação, este painel foi publicado, de modo parcial, em SANCHES, 2016: Fig. 2.

²¹ Numa faixa de cerca de 40 cm de altura.

²² Os motivos representados no quadro da Fig. 4 com a identificação XIII e XIV foram decalcados de fotos dos painéis 11 e 15 A.

novo alinhamento de figuras que atingem a extremidade do painel desse lado; 8) figura oculada de corpo inteiro, bastante complexa pois parece ter sido repintada; de olhos simples, possui arboriforme transversal (sob o qual se encontram marcas de tatuagem facial), corpo vertical, pernas em V invertido, terminados por 4 ou 5 dedos (pés?); atravessando o corpo, tem barra de traços verticais, prolongados para cada lado por um apêndice (braços?) dos quais saem 4 ou 5 traços (dedos da mão?); 9, 10 e 11) grupo de 3 figuras oculadas muito similares entre si, de corpo inteiro, olhos simples, onde uma barra horizontal, em “pente” virado para cima, parece ocupar o lugar dos braços; variam, contudo na terminação inferior. A da esquerda (n.º 9) tem o corpo terminado em oval na qual entrelaça uma linha serpentina formando V invertido, mas que se prolonga, simulando serpente, para a direita (figura feminina?); a do centro (n.º 10) tem o corpo somente terminado em V invertido, embora coberto parcialmente por uma mancha (motivo 12) que se prolonga para baixo [é este “par” de figuras oculadas que se representa no quadro da Fig.4 embora no quadro não seja representado o serpentina por não ter sido ainda identificado]²³; a da direita (n.º 11) está bastante apagada do lado esquerdo, onde “corpo e pernas” se reduzem a um traço único, vertical tal como as da figura n.º 5. Ocupando ainda esta parte mais larga do painel, encontra-se novo alinhamento com algumas figuras. Da esquerda para a direita temos: 4) mancha subcircular (eventual face oculada intencionalmente apagada por repintagem); 7) figura oculada, de olhos simples, de corpo inteiro similar à n.º 6 mas sem apêndices/dedos nos pés; tem uma “atitude” extremamente dinâmica, quase dançante; 13) grande mancha de contornos irregulares. Mais abaixo, seguem-se novamente dois alinhamentos horizontais (ou talvez mais), com pelo menos 4 figuras/manchas muito apagadas. As duas da extremidade inferior podem ser figuras oculadas de corpo inteiro. Entre os alinhamentos da parte superior existem ainda 2 manchas indistintas. Em síntese, de entre os 18 motivos, 7 [ou talvez 9], são figuras oculadas de corpo inteiro (XIV), a que se somam 2 faces oculadas (XIII); 7 são manchas da mesma cor (vermelho de tendência escura/vinhosa), sendo que duas destas últimas parecem ser igualmente faces oculadas/“máscaras”, posteriormente borraradas/apagadas intencionalmente com tinta da mesma cor.



Fig. 7 – Abrigo 11 do Regato das Bouças (Foto Luis Bravo Pereira)

Rockshelter 11 of Regato das Bouças

²³ Os motivos XIII, XIV e XVI do quadro da Fig. 4 correspondem a desenho sobre fotografia e não a decalque directo, como acontece com os restantes.

Devemos desde logo chamar a atenção para o facto de nenhuma das figuras oculadas ser exactamente igual à outra, personificando como que entidades distintas entre si. Elas distinguem-se formalmente e em primeiro lugar pelas extremidades inferiores (pernas e pés com ou sem dedos), em segundo pelos olhos, radiados ou não, e em terceiro pela presença de braços com mãos (um caso). O dinamismo de algumas figuras também as distingue (n.º 6 e 7), mas todas têm arcada supraciliar & tatuagem facial dupla e uma espécie de “pente” ou ancinho horizontal, de dentes votados para cima.



Fig. 8 – Figuras oculadas e outras do abrigo 11 do Regato das Bouças (ver Fig. 7) . O motivo n.º 5 está repetido. (Foto Luis Bravo Pereira)

Composition of “oculados” idol-like figures of rockshelter 11 of Regato das Bouças (see Fig. 7). Motif 5 is repeated.

O abrigo/painel 12 situa-se a cerca de 5 metros para nascente do abrigo 11 mas já na face leste da escarpa. Tem manchas e uma figura esquemática a vermelho vinho, de tipo pentiforme (III). Ocupa um pano de rocha ainda voltado a sudoeste (Est. I).

O abrigo/painel 13 localiza-se a escassos metros do 12 imediatamente antes de a escarpa desenhara uma enorme reentrância angulosa no maciço (tudo a descoberto). É um painel com manchas de cor vermelho vinho, difíceis de discernir uma vez que todo o painel se encontra enegrecido de fuligem e lascado possivelmente, e em grande parte, por acção de calor. Não tendo a certeza absoluta de que se trate de pinturas, verificamos que algumas destas manchas tem contornos escassamente definidos; esperamos que um dia novos métodos de registo, nomeadamente multiespectral, nos ajudem a perceber com mais segurança se se trata ou não de restos de pinturas intencionais. No solo jaz uma laje subrectangular com vestígios de acção antrópica (lascamento, polimento).

O abrigo/painel 14 tem uma mancha pintada a vermelho vinhoso, mal conservada.

O abrigo 15 tem uma configuração muito peculiar, sendo composto por duas áreas com pinturas: A e B (Est. I e III). Com efeito, aqui a escarpa desenha, a mais de 2 metros de altura do solo, uma reentrância/abrigo, com pequenas superfícies verticais (que definem entre si ângulos muito agudos) e na base dos quais se desenvolve uma estreita plataforma à qual só se acede trepando pela superfície vertical que integra o painel 15B. É assim de difícil acesso. Uma vez na plataforma podemos nela permanecer de pé, embora a observação das figuras se faça melhor numa posição mais baixada, ou mesmo quase deitada.

Contêm, em duas superfícies quase contínuas e algo voltadas uma para a outra, um par de faces oculadas/máscaras, que figuram ambas como motivo *XIII* no quadro da Fig. 4 (Est. III). Na figura da direita os “olhos” são grandes esteliformes, acompanhados da tatuagem facial dupla; entre estes e acima deles, desenha-se o arco supaciliar e nariz, e mais acima, mas ainda integrando, no nosso entender, a *mesma figura/máscara*, associa-se-lhe um “pentiforme” virado para cima; abaixo, dois outros “pentiformes” virados um para o outro, parecem simular uma boca. Esta “máscara” é pintada em vermelho vinhosos sobre fundo quartzítico acastanhado. A figura da esquerda é formalmente semelhante à anterior, mas mais complexa e destaca-se de forma mais evidente pois aqui o fundo é constituído por uma superfície quartzítica esbranquiçada. Concatenada na “máscara” *parece ser simulado o corpo (no prolongamento do nariz) pois abaixo da tatuagem facial são desenhados braços terminados por mãos com 4 dedos num caso, e indistinto no outro (SANCHES, 2016: Fig. 3-1 e 2)*. Porém, dado que são figuras muito formalizadas, optamos por as considerar como um par de faces/máscaras, sendo talvez de remeter as suas semelhanças e diferenças para a complementaridade e oposição de sentido que deterão nesta parte mais alta do abrigo, local onde parecem tutelar quer o painel imediatamente inferior (15B), quer o vale das Bouças e bacia de Mirandela, área baixa que daqui já se avista.

O 15B é assim um grande painel vertical, sub-rectangular, situado abaixo da plataforma, e protegido por uma pequena saliência rochosa (pala) (Est. III). Volta-se também a nascente e é atravessado verticalmente por uma fissura. Fora da zona protegida, as figuras, todas em vermelho vinhoso, estão delidas e “borratadas” (natural e talvez intencionalmente). Apresenta uma variedade e complexidade de figuras antropomórficas oculadas de variada configuração (mais de duas dezenas, contando figuras identificáveis e manchas). Contêm, além das figuras oculadas (que representam a maioria) antropomorfos de braços erguidos, ou descaídos, com penachos (similares aos motivos XVI), uma figura em T/antropomorfo e outra em Y. Dado que todas as faces oculadas, sempre com tatuagem facial, parecem ser prolongadas inferiormente por desenhos mais simples ou mais complexos (sejam traços verticais, franjados, braços com mãos e dedos, ou outros), mas onde a desproporção entre o possível corpo e a face são notórios, assumimos que se trata simplesmente de figuras oculadas complexas pois o seu *design* não permite, como no abrigo 11, a distinção clara entre “máscara” e figura de corpo inteiro. Em síntese, contabilizam-se aí pelo menos 10 figuras antropomórficas oculadas (uma das quais parece repintada por forma a ser “apagada”), 5 figuras antropomórficas, além de 5 alargadas manchas de cor vermelho vinhoso, e outras 5 manchas residuais de motivos apagados, totalizando assim cerca de 25 unidades gráficas (Fig. 15).

Este complexo painel é apresentado de modo ainda parcelar (sem registo de conjunto), sendo de frisar desde logo que todas as figuras oculadas são extremamente elaboradas mas distintas umas das outras, repetindo-se os olhos, sempre radiados (círculos radiados), as arcadas supraciliares e as tatuagens faciais formadas por arco duplo. Também os braços, terminados em mãos com dedos são frequentes. Pelo que nos é dado observar, e apesar de apresentarem semelhanças entre si, também estas figuras se distinguem claramente umas das outras, fazendo supor que se trata de entidades distintas entre si tal como no painel 11. Acresce, contudo, que este painel integra uma maior diversidade de figuras antropomórficas que o 11. Assim, este painel 15 A e B parece, a vários títulos, mais elaborado que o 11, tendo exigido, assim o supomos, um trabalho mais especializado tanto do ponto de vista técnico/formal, como mitográfico.

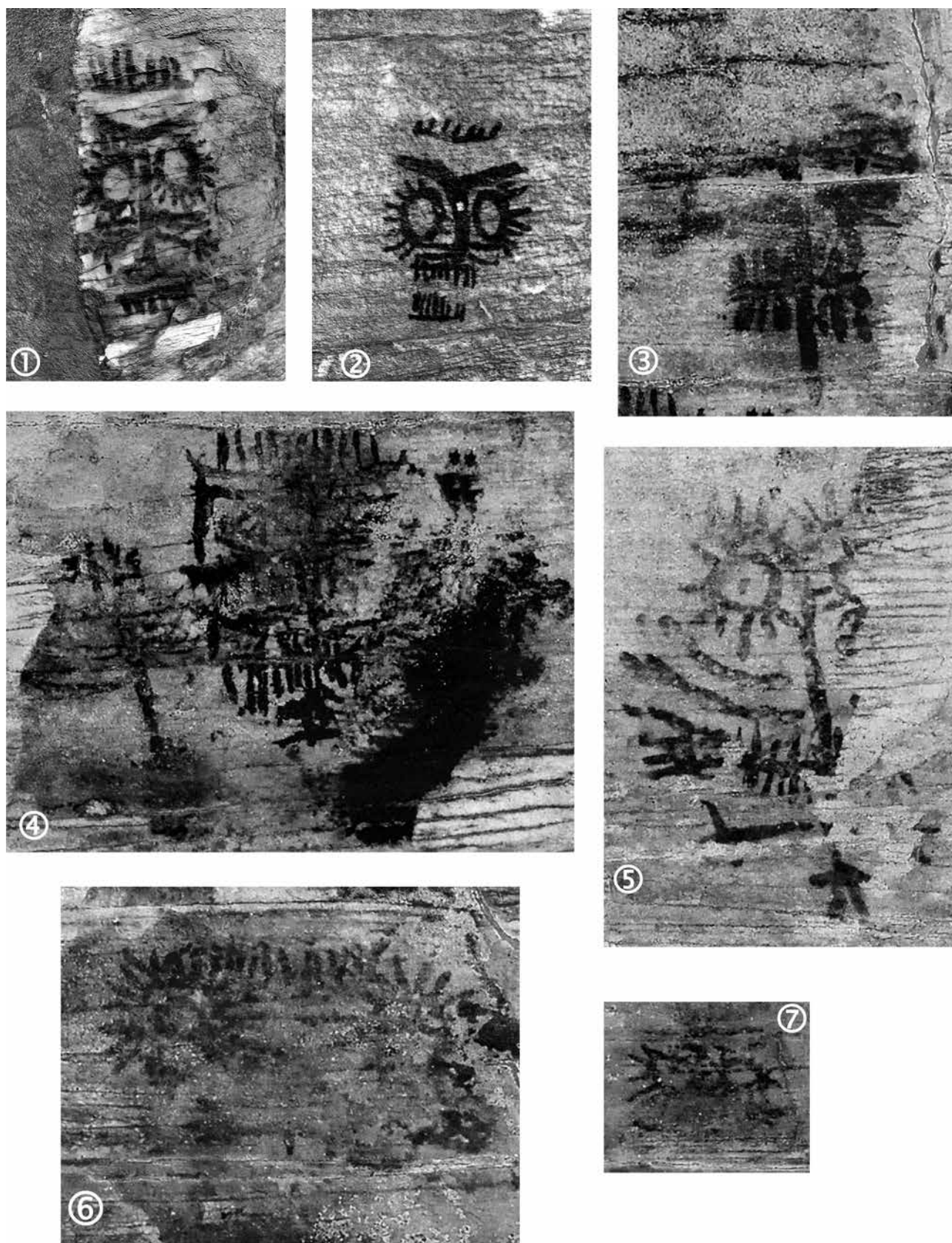


Fig. 9 – Figuras oculadas do painel 15 A do Regato das Bouças (n.º 1 e 2) e 15 B (n.º 3, 4, 5, 6, 7).

(Foto Luis Bravo Pereira)

“Oculados” idol-like figures of rockshelter 15 A of Regato das Bouças (nº 1 and 2) and 15 B (nº 3,4,5,6,7).

Na mesma assentada quartzítica quando, após uma extensa retracção, a escarpa “avança de novo” de modo paralelo ao ribeiro, vamos encontrar uma concentração de novos painéis. Nas diversas superfícies que rodeiam um abrigo/fenda rochosa alargada, espalham-se várias figuras geométrico-abstractas delidas (cor vermelho esvaído/alaranjado, talvez devido à exposição), que denominámos de abrigo/painel 16 do Regato das Bouças. Destacam-se aí barras (I) e sobretudo pentiformes (III) entre manchas vermelhas variadas a necessitar melhor leitura (Est. I).

O abrigo 17 do Regato das Bouças (um grande painel sub-retangular, vertical) situa-se na superfície contígua à “parede” anterior mas a 4 metros do solo actual, sob uma pala. O painel é precedido de um patamar rochoso (onde podem permanecer sentadas 2 ou 3 pessoas), a que se acede trepando com dificuldade pelos ressaltos da escarpa. Contém várias figuras esquemáticas complexas de cor vermelha, muito delidas, configurando-se também como um painel “*irrepetível*”, à semelhança do 11, 15A e B e do abrigo 2. Destaca-se um “par” de 2 figuras de carácter antropomórfico, dentro de um estilo esquemático que entra já no abstracto. É o par que figura como XVI no quadro da Fig. 4.

O abrigo/painel 10 do Regato das Bouças está situado a cerca de 10 metros para nascente do abrigo/painel 17, na continuidade da mesma parede rochosa (e atrás da coluna rochosa). O painel encontra-se a cerca de 2 metros do nível actual do solo, que é facilmente acessível por um degrau natural de rocha. Os motivos, de cor vermelho vinhoso e bem conservados, ocupam um pano de rocha vertical, com algumas rugosidades, fissuras e líquenes. Tem cinco motivos pintados a vermelho vinhoso. 3 motivos consistem em barras (I) e pentiformes (III); na parte superior existe uma figura abstracta complexa subcircular e abaixo daquela uma dedada (risco de dedo) (Est. I).

Na coluna quartzítica, situada em frente ao abrigo/painel 16 e 17 (Est. I) foram sendo identificados em dois momentos diferentes, diversos painéis. Como no início só conhecíamos aí uma área com pinturas, voltada a sul, denominamo-la de abrigo 18. O aparecimento de 3 novos painéis na área NE obrigou a uma melhor distinção. Assim, ao nicho e à parede vertical mais as várias covinhas²⁴ que se situam na base deste conjunto que se volta a sul, demos o nome de 18a. Os painéis já voltados a E e NE, alinham-se em sequência, contornando a coluna de sul para este: 18b, 18c e 18d. No nicho e painel do 18a todas as figuras pintadas são em vermelho vinhoso, constando de escaleriformes e pentiformes (III), barras (I) e outras figuras geometrizes (XI). Em 18b temos um verdadeiro abrigo (reentrância protegida) onde o painel tem 3 manchas de cor vermelho vinhoso, sendo que duas são pentiformes. O painel 18c ainda se volta a este e tem cerca de 1,20 m de largo por 1,70m de altura. Percebem-se aí várias figuras muito delidas mas onde só reconhecemos 3 pequenos esteliformes (XII) associados entre si e simultaneamente a um finíssimo motivo de tipo II e ainda a um escaleriforme (III). As figuras deste painel estão muito delidas. Continuando a rodear a coluna, desenha-se uma plataforma em rocha ao nível do solo, acima da qual se situa um painel virado a NE, muito enegrecido pelo fumo (18d). Em 3 zonas daquele vislumbram-se barras verticais mas todas as superfícies necessitam de observação muito mais cuidada e com meios técnicos adequados.

O n.º 1 é um abrigo sob rocha no sentido literal do termo. De pequenas dimensões, está situado no extremo nordeste da escarpa, abrindo-se a leste, exactamente frente aos abrigos 3, 4, 5, 6 e 7 da margem direita, mas a uma cota muito superior à daqueles. Dele se domina toda a parte leste da bacia de Mirandela. O solo apresenta uma fina camada de sedimentos provenientes dos efeitos erosivos sobre o maciço rochoso. A entrada do abrigo apresenta um alçado rectangular. Uma coluna de rocha faz a divisão da abertura em duas entradas, uma delas mais pequena e estreita (entrada da direita). Na parede da entrada, do lado esquerdo, e voltado a nordeste, existe um painel vertical com dois motivos muito deteriorados, de cor vermelho vinhoso. O superior é uma mancha aparentemente contínua, mas indicia claramente ter sido uma face oculada/“máscara” (XIII) e à qual nem sequer faltam os pentiformes associados inferiormente aos “olhos”. Mas esta figura não é imediatamente visível a olho nu pois foi também alvo de apagamento intencional por repintagem, em mancha, com tinta da mesma cor. O motivo inferior é constituído por 4 barras verticais, aparentemente ligada por uma barra superior. Contudo, a barra mais à esquerda, parece estar na continuidade da “face oculada”, o que associaria os dois motivos.

²⁴ Estas covinhas podem ser decorrentes da precipitação de água, gota a gota, de superfícies superiores, segundo nos informou gentilmente Manuel João Abrunhosa.

3.1.4. Regato das Bouças. Distribuição topográfica dos motivos e painéis.

Antes de passarmos à descrição das restantes escarpas da Serra de Passos/Sta Comba convém desde já pontuar as ideias fundamentais que decorrem da exposição feita. Estas referem-se tanto à idiosincrasia de alguns dos abrigos/painéis como à distribuição espacial e topográfica dos motivos e painéis que estes originam. Centralidades e percursos de leitura desenham-se tanto à escala geográfica e topográfica, como à da tipologia e organização dos motivos.

O abrigo 2 com os seus 3 painéis de antropomorfos semi-esquemáticos (p. 1 e 3) e esquemáticos (p. 2), e ainda uma mais que provável face oculada/máscara (p. 3), delinea a extremidade sul do conjunto, ocupando aí um ponto geotopográfico do qual partem para NE e NNE dois alinhamentos de abrigos/painéis, seguindo a corrente do ribeiro (Fig. 1). Descendo ao longo da margem direita, na direcção NE, temos os abrigos dessa margem (3, 4, 5, 6, 7 e 8), concentrados no extremo sul dessa escarpa. Partindo do mesmo abrigo 2, atravessando o ribeiro e subindo levemente na margem esquerda, alinham-se ao longo da escarpa os abrigos 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 10, 18 (coluna com diversos painéis) e 1 (por esta ordem), estando este último abrigo situado frente à concentração de abrigos da margem oposta, como foi referido acima.

Assim, na margem/escarpa direita delinea-se um conjunto de abrigos – com destaque para os n.º 3, 5 e 8 –, onde dominam motivos esquemáticos de tendência geometrizante, sem figuras antropomorfas explícitas.

O abrigo 3, com os seus 20 painéis é aquele onde simultaneamente se concentra a maior quantidade de motivos de toda a Serra de Passos, e aquele que mostra uma estratigrafia figurativa que permite perceber a realização de pinturas em ocasiões cronologicamente diferenciáveis. Este mesmo abrigo é o único que ostenta motivos idoliformes (IV) e figuras em favo de mel (V) não reconhecidos até ao presente em nenhum outro painel da Serra. Por outro lado, “omite” antropomorfos semi-esquemáticos, esquemáticos (XV; XVI) e figuras oculadas (de corpo inteiro e faces/máscaras – XIII e XIV), que constituem o elemento marcante do abrigo 2, no primeiro caso, e da escarpa da margem esquerda, no segundo. Mas é com este abrigo, que a maioria dos restantes abrigos da serra partilha motivos, sendo os mais comuns os seguintes: I, II, III, VII, IX e X. Também ocorrem aqui motivos raros, como sejam as figuras esteliformes (na fase Ia/b), que vamos encontrar somente num dos painéis da coluna da margem oposta (painel 18c - Escarpa esquerda). Naturalmente estamos a referir-nos a figuras radiadas isoladas ou agrupadas duas a duas, e não a figuras similares a estas que, sendo círculos radiados, compõem os olhos radiados de algumas figuras oculadas do painel 11 e a totalidade daquelas do painel 15 A e B.

Deste modo, a centralidade do abrigo 3 é-lhe conferida não somente pela peculiar configuração geomorfológica e pela concentração de painéis, como ainda pela longa ocupação, esta discernível através da estratigrafia “vertical” e “horizontal”. A ausência de figuras antropomórficas claras pode ser interpretada como um interdito. Pelo contrário, na escarpa da margem esquerda reconhecemos que imperam painéis/abrigos com figuras antropomórficas de configuração “oculada” sob a forma de figuras de corpo inteiro (XIV) (no abrigo/painel 11), ora desenhando somente as faces/máscaras (XIII) (no abrigo 2, 11, 15 A e 1), ora configurando antropomorfos oculados muito complexos (como os do painel 15 A e B). Por tal razão passámos a denominar esta área de “Escarpa das figuras oculadas”. Encontram-se ainda outros tipos de antropomorfos, como referimos atrás.

Em síntese, na escarpa da margem esquerda temos uma sequência de painéis/abrigos com figuras oculadas (num mínimo de duas dezenas de figuras), que topograficamente se iniciam no seu extremo sudoeste com as de corpo inteiro (XIV) e com faces oculadas/máscaras (XIII) no painel 11, e, mais adiante, marcam de forma ainda mais notória o complexo abrigo 15. Uma face oculada volta a surgir, associada a um pentiforme somente no extremo nordeste da escarpa, no abrigo 1.

Assim, repetimos, a distribuição espacial destas figuras oculadas na Serra (quer na forma de face/máscara, quer como figuras de corpo “mais completo”) e o seu elevado número mostra que: a) esta escarpa é a única conhecida até à data com este tipo de figuras oculadas; b) estas marcam espacialmente

os extremos opostos (sudoeste e nordeste) da escarpa (abrigos 2 e 1); c) embora com uma concentração a sudoeste (abrigos 11 e 15), estas figuras/painéis enquadram espacialmente outros painéis pintados com outros tipos de motivos (painéis 12, 13, 14, 16, 17, 10 e 18), a maioria dos quais partilha figuras com a margem oposta do Regato, com a Escarpa da Pala e com a Ribeira da Cabreira, como veremos adiante; d) no centro geográfico desta escarpa dos oculados, o abrigo/painel 17, com o seu par de antropomorfos muito formalizados, quase abstractos, relaciona-se com algumas figuras do vizinho painel 15 A, constituindo um *unicum* em toda a Serra de Passos. Uma nota importante para terminar é a de que a elaboração das figuras oculadas de corpo inteiro (ou mesmo das faces oculadas) utiliza motivos idealizados muito padronizados, patentes nas restantes áreas da Serra: esteliformes, arboriformes, barras, etc.

Outra observação a fazer é a de que o abrigo 2 se assume quer do ponto de vista topográfico, como iconográfico (e mesmo cronológico, como veremos adiante) como um lugar com peculiar valor no estabelecimento das relações iconográficas e simbólicas entre os abrigos das escarpas de ambas as margens do Regato das Bouças. Adentro da mesma escala de análise pode assim o Regato das Bouças vir a ser compreendido como percurso e lugar onde se foi construindo uma hierarquia interna relacionada com a “capacidade simbólica” e de memória colectiva de cada um dos sítios e da relação espacial e conceptual com os restantes. Esta será uma análise a desenvolver necessariamente quando dispusermos da totalidade da informação deste conjunto.

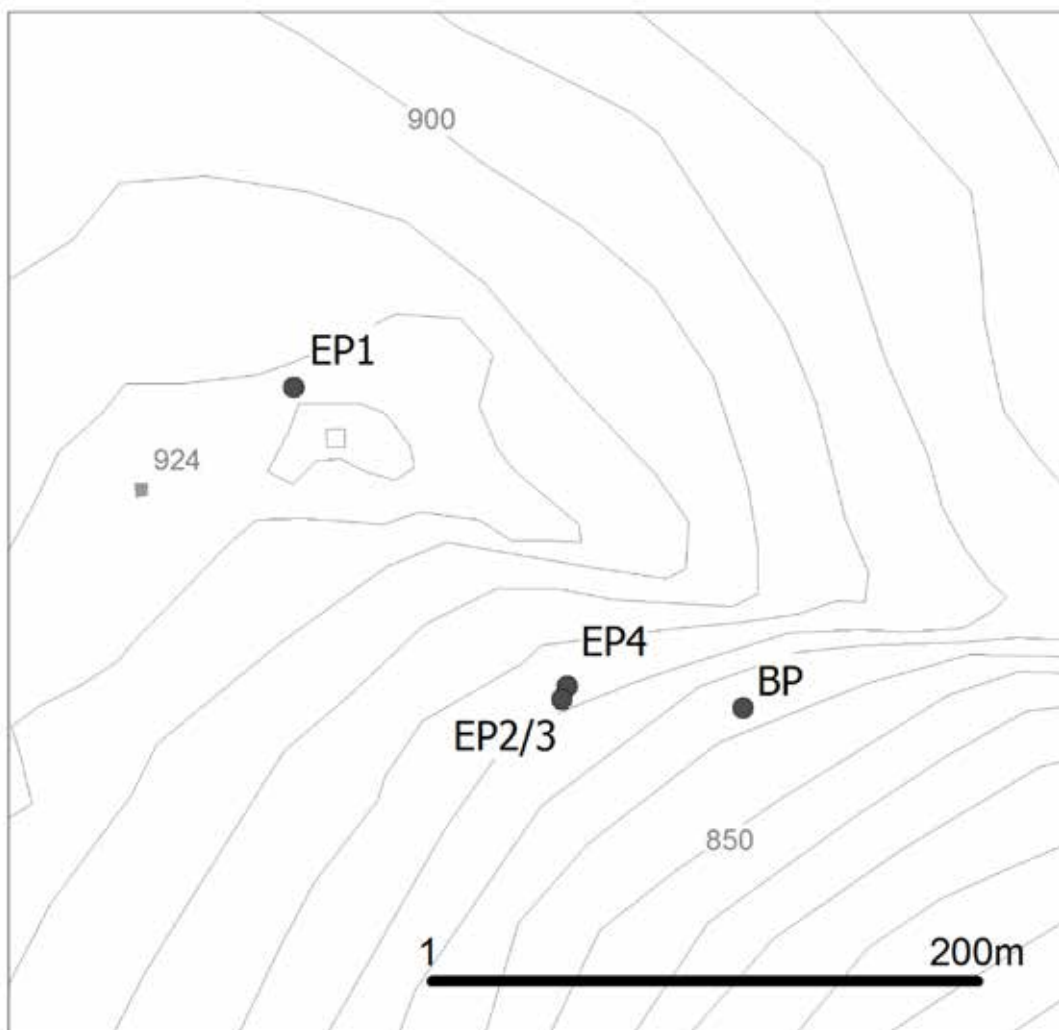


Fig. 10 – Localização dos abrigos da Escarpa do Buraco da Pala.

Localization of the rockshelters of Buraco da Pala Escarpment.

3.2. Escarpa do Buraco da Pala

Esta alta escarpa desenvolve-se aproximadamente de poente a nascente, isto é, do topo onde se encontra o Cruzeiro (que é 2º ponto mais elevado da serra), com 940 m, até à cota de 800 m. À cota de 880 m desenha um ângulo que é a entrada do abrigo do Buraco da Pala. Além deste abrigo, onde se identificaram 3 painéis, detectaram-se na Escarpa mais 3 abrigos: 1, 2/3 e 4 situados no troço mais elevado da escarpa, entre os 940 e os 880 m de altitude (Fig. 1, 7 e Est. I).

O abrigo 1 é um painel vertical em recanto na extremidade oeste da crista quartzítica, situado sob o cruzeiro (atalaia medieval). Exibe um conjunto de três motivos esquemáticos pintados, de cor vermelho vinho. De cima para baixo temos: uma linha serpentiforme (em “M”) no topo (e que não consta no quadro da Fig. 4); dois (ou mais pontos/restos de pintura) na parte média do painel; e três linhas sub-horizontais mais em baixo.

Os abrigos 2/3 e 4 são grandes fendas/abrigos no sentido literal do termo, voltados a sul, situados um pouco acima da curva onde se abre o Buraco da Pala, sendo o abrigo 4 o mais próximo daquele. O abrigo 2/3 foi assim denominado pois tem um vestíbulo – 2 –, que precede uma fenda mais funda – 3. Na parede leste da entrada da fenda – abrigo 3 –, existem manchas avermelhadas que parecem delinear um motivo (a necessitar de melhores técnicas de visualização). No exterior, e do lado oeste da fenda, isto é, no vestíbulo (abrigo 2), e situado num corpo de parede rochosa voltada a sul, existe um pequeno painel vertical com um único motivo: um pentiforme de cor vermelho vinho (*III*). No abrigo 4 temos 3 painéis, estando 2 na parede oeste da parte mais funda (1 e 2) e um (n.º 3) na parede leste. O n.º 1 é um motivo muito apagado, alaranjado (a necessitar de melhor visualização pois parece uma mancha); o painel 2 tem dois motivos de cor vermelho vinho alinhados em sequência vertical – talvez “pentiformes” (*III*); o painel 3 tem outro motivo pentiforme (*III*).

No abrigo do Buraco da Pala identificaram-se, como se disse, 3 painéis: 2 no “corpo do abrigo”, situados na sua parede direita (parede norte) e um terceiro na parede do fundo da comprida galeria rochosa (Est. XV). O painel 1, situado à altura do olhar antes da escavação se nos colocássemos sobre os sedimentos do nível I, é o mais próximo da entrada e exibe 3 figuras em associação espacial mútua, de cor vermelha, mas muito apagadas. Uma delas é o motivo X (antropomorfo em *phi* muito estilizado), e as restantes duas não se encontram noutros locais da Serra. São estas o motivo *XVII* (ver quadro de motivos) e um outro também esquemático que, estando muito apagado, não podemos nomear. O painel 2 está mais próximo do fundo mas claramente iluminado pela luz da entrada. Situa-se numa superfície plana vertical sobre um ressalto de rocha e exibe dois motivos em barra, muito deteriorados pela percolação de águas e pelos lascamentos da rocha. Ao fundo da galeria, sob um pequeno ressalto de rocha que desvia a escorrência de águas que durante meses percolam pelo coração da escarpa, encontra-se um outro pequeno motivo em barra (*I*). É possível que tenham existido, ou que existam ainda, outros motivos nesta complexa galeria por onde escorrem águas durante cerca de 8 meses em cada ano (Outubro a fim de Maio). Mas a sua visualização será difícil dada a ausência de luz natural, a altura da fenda e a dificuldade de movimentação dentro da galeria.

3.3. Abrigos da Ribeira da Cabreira

Identificaram-se 3 abrigos com pintura esquemática – abrigos 1, 3 e 11 – nas margens desta Ribeira que nasce no topo da Serra, contígua à Escarpa da Pala e se dirige para Norte. É o curso de água mais extenso da Serra. Na actual Carta Militar tem esta ribeira o nome de Regato do Fojo (Fig. 1).

O abrigo 1, na margem direita, é um paredão ou pequena escarpa muito irregular de quartzito, com cerca de 10 m de altura e voltado a Norte, vislumbrando-se daí toda a parte N da bacia de Mirandela. Na sua base este paredão sofre um recuo desenhando uma fenda com cerca de 3 m de largo, 1,5m de altura e 1,5 de profundidade. O tecto tem uma inclinação de cerca de 45º e nele se define um painel com duas barras paralelas – I – (que se assemelham a dedadas) de cor laranja avermelhado (ver planta, perfil e decalque em: SANCHES, 1977, II, Est. III). No solo, aproximadamente sob o painel, um dos autores deste texto

(RM) recolheu durante a prospecção uma ponta de seta triangular em quartzo²⁵.

O abrigo/painel 3, também na margem direita, situa-se numa pequena superfície vertical de uma longa assentada quartzítica paralela à Ribeira. É uma mancha de cor vermelho alaranjada, onde se vislumbra um motivo em barra (6 traços paralelos verticais). Como fica fora do alcance da mão, foi registado somente em fotografia. Contudo, esta assentada de afloramentos necessitaria de uma verificação mais próxima, com auxílio de escadas e de outros meios de escalada.

O abrigo 11, já na margem esquerda e quase contíguo à linha de água, é um abrigo no sentido literal do termo (com sedimentos no solo) e ocupa a parte mais baixa da Serra (altitude de 390 metros). É, contudo, numa parede vertical, quase desprotegida e situada à saída para norte desse abrigo, que se situam 3 painéis com motivos de cor vermelho vinhoso, ainda que muito delidos pela intempérie e, no caso do painel 2, borratados pela escorrência de águas (ver planta e perfis em: SANCHES, 1977, II, Est. III e IV). No painel 1 temos pontos pintados (VII); no 2 associa-se uma figura sub-rectangular alongada – III – a outras machas, pontos e um “gancho”; no 3 restam somente algumas manchas.

Este vale continha vários abrigos com sedimentação interior, muitos dos quais foram desmantelados durante a mais recente florestação desta área da Serra (anos de 1993 em diante).

3.4. Abrigo 6 da Ribeira da Pousada

A Ribeira da Pousada tem um percurso oposto ao da Ribeira da Cabreira, nascendo na mesma elevação (Fraga da Conta) mas na encosta oposta à daquela. Dirige-se, num vale aberto, para Sul; das suas assentadas/escarpas de quartzito, peçadas de fendas e abrigos com e sem sedimentação, vislumbra-se toda a parte sul e sudeste da Serra. Num destes abrigos situado no extremo sudoeste da primeira assentada, e na parede do lado direito da entrada (que é, tal como os abrigos 3 e 1 do Regato das Bouças, provido de uma coluna rochosa) (SANCHES, 1997, II, Est. V-2) encontra-se, numa superfície vertical, também voltada a sudoeste, uma figura circular de cor vermelho vinhoso inscrito num círculo negro-motivo XVIII (Est. XV). Acima daquela figura existe uma outra mancha vermelha já sobreposta por gravação com o número “VI” (em data posterior ao nosso decalque); um novo número gravado “X” sobrepõe-se a uma outra mancha bem visível, situada à esquerda do círculo. Este painel necessita assim de um novo registo que revele de modo mais claro se as manchas, que existem em várias paredes do abrigo, desenham ou não motivos pintados de origem antrópica. Este abrigo possui chão de rocha, não tendo assim sedimentos. Porém, deve ser realçado que este motivo bicolor é o único deste género encontrado na Serra até à presente data.

4. DISCUSSÃO

Foi nosso objectivo dar a conhecer neste texto o extenso conjunto de abrigos/painéis com pintura de tradição esquemática da Serra de Passos/Sta Comba, que constituem, até ao presente, a maior concentração de abrigos deste género conhecidos em território nacional. Outro conjunto similar, mas um pouco mais disperso geograficamente, está a ser definido ao longo do vale do rio Côa (FIGUEIREDO & BAPTISTA, 2013), acompanhando uma tendência para o aumento de sítios, ainda que distribuídos de modo mais disperso, que se tem vindo a revelar nas prospecções e estudos das últimas duas décadas, sobretudo quando se desenvolvem programas de prospecção sistemática, normalmente no âmbito de estudos de impacte de grandes obras. Tais descobertas e estudos tem vindo a confirmar a região de Trás-os-Montes oriental (para oriente da serra da Padrela), incluindo o Alto Douro, Douro internacional e Côa (ou seja, a Beira-Douro (AGROCONSULTORES & COBA, 1991), como o território português para onde geograficamente se estendem este tipo de sítios²⁶, apesar de tudo, muito mais característicos de regiões já incluídas

²⁵ Esta ponta de seta está inédita e encontra-se à guarda do Museu Municipal de Mirandela.

²⁶ Se atendermos à classificação dos geógrafos na sua distinção litoral-interior da fachada atlântica, verificamos que se trata assim de um fenómeno fundamentalmente interior se nos referirmos somente às pinturas. Mas, tal como defendemos em textos anteriores, e na senda de outros autores como P. Bueno e R. Balbin (2000), não nos parece lícito separar a pintura da gravura, sendo estas complementares, por ex. desde as iconografias dolménicas do IV mil. AC (SANCHES, 2009).

no território espanhol (particularmente das províncias de Salamanca-Zamora). Aquando do início do aumento das descobertas (2010), começámos a tratar entre nós a Serra de Passos/Sta Comba como uma espécie de “Batuecas portuguesas” precisamente pela concentração de abrigos num espaço serrano muito parecido àquele e pela relativa proximidade geográfica entre ambos. No entanto, não se refere esta afinidade às semelhanças específicas de ambos os conjuntos no que respeita aos motivos específicos, sua distribuição espacial, etc., mas, mesmo assim, deve ser enfatizado que muitos dos motivos de ambos os conjuntos (Passos e Las Batuecas) são comuns (e simultaneamente similares a toda esta região geográfica indicada acima, a que acrescentaríamos toda a bacia do Douro em território espanhol), embora na Serra de Passos não tenham sido detectados zoomorfos, que estão presentes, tanto ali como noutros abrigos pintados (e gravados) desta região (FIGUEIREDO & BAPTISTA, 2009; 2013; TEIXEIRA, 2013) nem, que seja do nosso conhecimento, existirão em Las Batuecas figuras e/ou faces oculadas (SANCHIDRIÁN, 2001).

Descobertos os primeiros abrigos/painéis de Passos no final da década de 1980, e classificados os do Regato das Bouças como Imóvel de Interesse Público²⁷, foram as posteriores descobertas que vieram revelar factos arqueologicamente relevantes.

Por um lado, passados cerca de 25 anos sobre os primeiros achados e correlativos registos, realizados estes sobre plástico polivinilo, novas tecnologias fotográficas e digitais de leitura vieram mostrar que aqueles se encontram incompletos nalguns dos seus pormenores, tal como foi realçado quando nos referimos atrás ao esteliforme do abrigo 3 do Regato das Bouças. Por este facto, todo o conjunto conhecido, quer tenha sido ou não registado por decalque, necessita de novos levantamentos acompanhados de renovados questionamentos que estas diferentes abordagens suscitam.

De igual modo, e pese embora este texto procure mostrar uma visão de conjunto, ela não pode ir, do ponto de vista interpretativo, muito além das publicações anteriormente feitas. Falham-nos por certo documentos e registos de pormenor deste novo conjunto recentemente detectado na escarpa esquerda do Regato das Bouças e, bem assim, na escarpa do Buraco da Pala, incluindo ainda a galeria do fundo deste último abrigo.

Por outro lado, necessita todo o espaço da Serra de nova prospecção sistemática, a realizar com meios técnicos que permitam aceder sem perigo às zonas mais altas das escarpas. E ainda, resta acrescentar, o conjunto de registos aqui apresentado é susceptível de variadas abordagens interpretativas, impossíveis de explorar neste já longo texto.

Do ponto de vista interpretativo, e tal como foi salientado em publicações anteriores, distribuem-se os abrigos com pintura de tradição esquemática ao longo de vias naturais de acesso que conduzem das terras baixas da bacia de Mirandela ao topo da Serra, isto é, ao longo das linhas de água (ribeiros) de Regato das Bouças, da Ribeira da Cabreira (ou Ribeira do Fojo) e da Ribeira da Pousada (SANCHES, 2002).

Assim, a uma alargada escala de análise, a marcação destes percursos que conduzem ao topo da serra, onde a Escarpa da Pala (940 m), na vertente leste, e o Pico de Santa Comba (1016 m), na vertente oeste, se apresentam como os pontos mais elevados, consubstanciará uma estreita relação genealógica, social, económica e comunitária entre as populações regionais que terão ocupado simultaneamente as áreas circundantes da serra e seus ecossistemas (onde existem abrigos, povoados e monumentos sepulcrais megalíticos), e os espaços serranos propriamente ditos. Porém, o Pico de Santa Comba, com a sua capela (de origem medieval?) não apresenta na actualidade vestígios da Pré-história, embora a capela, a romaria e a lenda que se lhe associa, mantenham um significado muito particular para todas as povoações que circundam a Serra (SANCHES, 2007), podendo de certo modo esta romaria anual disponibilizar um dos modelos de relação sócioeconómica e simbólica para a Pré-história recente.

Naturalmente que neste contexto surgirá a pergunta: quando é que se marcaram fisicamente, através de pinturas, tais percursos e lugares? Essa discussão sobre cronologia terá lugar mais adiante.

De notar, neste âmbito geotopográfico, que alguns dos abrigos – nomeadamente o n.º1 do Regato

²⁷ Classificados como Imóvel de Interesse Público pelo Decreto n.º 26-A/92, DR, I Série-B, n.º 126, de 1-06-1992. No interior da área classificada foram incluídos os abrigos conhecidos nessa altura, isto é, n.º 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8. Os restantes de que aqui damos notícia incluem-se na mesma área.

das Bouças, o n.º1 da Ribeira da Cabreira e o n.º6 da Ribeira da Pousada –, independentemente dos motivos que exibem, se constituem como pontos de domínio visual do território periférico, mais baixo (SANCHES, 2002). No conjunto de todos os abrigos conhecidos, verificamos afinal que de uns ou outros se acaba por ter um domínio pluridireccional, *quase* envolvente da bacia de Mirandela. Contudo, por ora ainda se não detectaram abrigos voltados à zona Oeste/Noroeste, área onde prospecções recentes realizadas por uma das autoras deste texto (JCT) permitiram detectar outros painéis pintados, quer em zonas imediatas à serra, quer mais distantes²⁸.

Sem depreciar o que atrás foi dito, é a Escarpa da Pala que se destaca na paisagem tanto devido à sua altitude, como à configuração do paredão rochoso que inclui também o abrigo do Buraco da Pala. E este abrigo, ao ter evidenciado uma ocupação humana que transcorre desde o Neolítico antigo regional ao Calcolítico, concentrará por certo uma memória social regional por parte das comunidades pré-históricas, em torno da qual se torna lícito tentar interpretar quer a ocupação humana serrana como aquela das terras baixas circundantes, como faremos de seguida.

A discussão relativa à cronologia e ocupação pré-histórica far-se-á de modo resumido e atenderá a documentos e exposições já realizadas, em parte, em textos anteriores. Com efeito, em nenhum destes abrigos existem sedimentos arqueológicos (escavados) que se sobreponham ou integrem painéis pintados. Por outro lado, nunca foram tentadas aqui datações directas aos pigmentos, nem nos parece que, ante as técnicas disponíveis na actualidade, tal possa ser realizado, à excepção talvez da datação AMS-C14 do oxalato de cálcio, tal como foi realizado com sucesso, precisamente no Abrigo de Los Oculados (Henareja, Cuenca, Espanha) (RUIZ *et al.*, 2012). Cremos que na Serra de Passos, pelo menos o abrigo 15B é susceptível de conter, na sua parte protegida e desprotegida, películas de biofilme orgânico datável²⁹.

Será a concentração de abrigos do Regato das Bouças, suas iconografias e, bem assim, os resultados obtidos na escavação do abrigo do Buraco da Pala e de dólmenes da periferia da Serra que nos permitirão uma primeira aproximação à cronologia e duração pré-histórica deste conjunto de abrigos.

Assim, por um lado, o conjunto do Regato das Bouças assume-se como peculiar a várias escalas de análise e segundo diversos paradigmas, alguns dos quais enunciados atrás. Aqui comentaremos sumariamente o que atrás foi enunciado e acrescentaremos outras observações. Por um lado, é este o conjunto que nos permite vislumbrar, através da estratigrafia figurativa, da análise formal dos seus motivos (e cores) e distribuição espacial – relativas ao abrigo 3, mas também ao abrigo 2 – que o conjunto de abrigos com pintura terá sido criado e frequentado ao longo de um tempo alargado (Est. IV, VI, VII, XII).

Do ponto de vista formal, os antropomorfos do painel 1 do abrigo 2, e particularmente o da direita, de corpo alargado, aponta para formalismos característicos da arte dos dólmenes e especialmente para a configuração da denominada “pele esticada de animal”, presente na laje de cabeceira de um dólmen desta região (dólmen de Vilarinho da Castanheira-Carrazada de Ansiães) (SHEE, 1981: Fig. 3), mas que também surge em figuras mais pequenas doutros dólmenes, como é o caso dos da laje C da Orca do Tanque (Viseu) (SHEE, 1981: Fig 44). Também a configuração dos antropomorfos ictifálicos do painel 2 admite uma cronologia similar e representaria a continuação da ocupação do abrigo 2 num mesmo período cronológico. Destaque-se que estes painéis ocupam o interior do abrigo. Em simultâneo a estratigrafia figurativa do abrigo 3 mostra que desde um momento antigo (figuras amarelas, mais apagadas) se desenharam ali motivos como barras, simples ou agrupadas, arboriformes, agrupamentos de pontos, figuras em “favo de mel”/reticulados. Estes motivos distribuem-se por todo o tecto do abrigo, pelos painéis interiores e ainda pelos painéis “exteriores” imediatos à entrada.

²⁸ Refira-se que além destas descobertas, nestas terras baixas que circundam a Serra de Passos a Norte e Nordeste, se conheciam já outros locais com pinturas esquemáticas e que normalmente não são referidos na bibliografia. É o caso da Fraga das Passadas (Água de Revés e Crasto-Valpaços), um grande afloramento essencialmente conhecido pelas suas gravuras, mas onde Augusta Mesquita detectou pelo menos um antropomorfo pintado (2008), e o conjunto de abrigos gravados e pintados de As Portas (Santa Maria de Emeres-Valpaços) (BALTAZAR, 2008).

²⁹ Porém, dentro dos métodos de datação absoluta, à excepção daquele que, por AMS, datará directamente os pigmentos de origem orgânica usados nas pinturas, os intervalos cronológicos e os condicionalismos inerentes a estes novos métodos experimentais ainda não autorizam datações absolutas finas.

Atendendo ao facto de que a frequência da Serra se relaciona económica e culturalmente com o território periférico, merece destaque a datação da Mamoa do Castelo (Jou-Murça) que é um dólmen de vestibulo, em cuja parte traseira da laje de cabeceira se encontram motivos esquemáticos, com realce para um muito formalizado, usado em todas as “fases” dos abrigos de Passos: o motivo III (pentiforme). A datação absoluta da construção deste dólmen coloca-o na segunda metade do IV milénio AC (SANCHES, NUNES & SILVA, 2005), embora o dólmen vizinho daquele, o dólmen/mamoa da Alagoa (que, tal como o anterior, mostra os mesmos processos construtivos com recurso ao uso do fogo e, de igual modo, vira o seu corredor para o Pico de Santa Comba), tenha sido edificado na primeira metade do mesmo milénio (SANCHES & NUNES, 2004; SANCHES, 2002, Quadro 2). Na mesma região, também um motivo pintado a preto na laje de cabeceira do dólmen de Madorras (GONÇALVES & CRUZ, 1994) volta a evidenciar uma relação bastante estreita entre os motivos da arte dos dólmenes regionais datados do IV milénio e dos abrigos da Serra de Passos/Sta Comba.

O 4º milénio (inícios do IVº milénio AC) seria assim a cronologia mínima para o início da criação dos abrigos pintados de Passos. Contudo, dado que a ocupação humana da Serra se articula, com base em datas absolutas de C14, desde os meados do V milénio com as ocupações do abrigo do Buraco da Pala (e cujos vestígios arqueológicos indicam ocupações sazonais no seu nível IV-I) (SANCHES, 1997; 2002), é provável que as mais antigas pinturas atrás referidas sejam aquelas que foram usadas para marcar de forma gráfica e pela primeira vez, percursos e sítios já interiorizados na memória social. Assim, a mais antiga marcação dos sítios socialmente nodais na paisagem pré-histórica tem toda a probabilidade de ter acontecido desde o V milénio AC, facto que somente a futura investigação regional poderá vir a confirmar ou infirmar.

Na Fraga d’Aia (S. João da Pesqueira) o painel 1 (JORGE *et al.*, 1988) pôde ser atribuído, com base nas datações absolutas, ao neolítico antigo regional (SANCHES, 1997). Assim, esta cronologia mais antiga atribuída à pintura de estilo semi-naturalista na Fraga d’Aia e de estilo semi-esquemático, esquemático (antropomorfos) e geométrico-abstracto na serra de Passos, não seria de estranhar se atendermos à continuidade de “ocupação” humana, territorial, que se expressa de forma gráfica noutras áreas regionais próximas, como é o caso do Vale do Côa. Esta região é ocupada entre uma fase anterior ao Magdalenense, o Epipaleolítico e o Neolítico (BAPTISTA, 2009), ou Neolítico/Calcolítico. Com efeito, a arte pós-glaciária do Côa também se expressa na forma de abrigos/painéis pintados (com motivos subnaturalistas, esquemáticos e geométrico-abstractos), presentes no conjunto de sítios como Faia (BAPTISTA, 1999), Monte de S. Gabriel (BAPTISTA & REIS, 2009), Vale Videiro (FIGUEIREDO & BAPTISTA, 2013), Vale de Figueira (FIGUEIREDO & BAPTISTA, 2009), Ribeirinha (REBANDA, 1995), Ribeira de Piscos (BAPTISTA, 1999), Ervideiro (GARCÍA DIEZ, RODRIGUES & MAURÍCIO, 2001: fichas 189, 229, 230, 231 in REIS, 2012) e Lapas Cabreiras (REIS, 2011,2012). Não existem, contudo, datações absolutas para estas pinturas formalmente bastante diversas entre si, que podemos estilisticamente atribuir a um relativamente alargado período cronológico dentro da Pré-história recente (mais precisamente ao Epipaleolítico/Neolítico/Calcolítico). Noutras regiões do interior peninsular, como o Vale interior do Tejo (BUENO *et al.*, 2011) essa continuidade também está comprovada. Numa área bem próxima da Serra de Passos, no baixo vale do rio Tua, o Abrigo gravado e pintado da Foz do Tua permite vislumbrar, de novo, e através dos seus diferentes painéis, essa continuidade de ocupação regional, desde uma fase pré-Magdalenense e, bem assim, durante os períodos Epipaleolítico e Neolítico/Calcolítico, (SANCHES & TEIXEIRA, 2013), sendo de enfatizar o painel 1 da parte B, que mostra um grupo de 2 (ou 3) antropomorfos de braços em arco, pintados de vermelho, o qual exhibe um estilo que arranca pelo menos da arte dos dólmenes e que formalmente poderemos atribuir ao Neolítico.

Regressando aos abrigos de Passos e se atendermos quer aos motivos pintados, quer ao carácter aparentemente não organizado do tecto do abrigo 3 do Regato das Bouças (painel 9), onde os desenhos pintados parecem resultar de uma adição sucessiva que respeita, a não ser nos casos das sobreposições já indicadas, os espaços antes deixados livres, bem como ao retoque de que vários de entre eles são alvo, podemos interpretar este abrigo, na senda de exposições anteriores (SANCHES, 2002) como resultado de frequências colectivas continuadas, que cremos terem-se prolongado pelo menos até aos meados do III milénio AC. E neste aspecto particular merece destaque na comparação, pela amplitude do espaço

iconografado, pela adição sucessiva de motivos e pelo geometrismo das figurações, o conjunto das duas Rochas de Ridevides, ou Pedra Escrita de Ridevides (Eucísia, Alfândega da Fé), onde Santos Júnior defendeu também a gravação sucessiva de motivos ao longo do tempo (SANTOS JÚNIOR, 1963), embora naquele caso as sobreposições e transformações (intencionais ou não) dos motivos gravados a abrasão (de tipo “unhada”) e filiformes (para não falar dos picotados), sejam evidentes. Regressando ao nosso abrigo 3, verifica-se, com efeito, que na última “fase” ou momento de pintura deste abrigo – fase II – os motivos são predominantemente de cor vermelho vinho e extremamente formalizados, repetitivos, ocupando maioritariamente as zonas aclaradas pela luz directa, bem como os *painéis exteriores*. Um deles, muito repetido (motivo X), encontra-se também no painel 1 do abrigo do Buraco da Pala, cuja ocupação como armazém e local de consumo (e destruição pelo fogo?) de bens provenientes da agricultura e da recollecção, ocorre nos níveis I e II, ou seja, entre 2800 e 2500 AC.

Na realidade, não podemos estabelecer uma relação directa entre as pinturas do Buraco da Pala e as suas ocupações, pelo que esta hipótese, que nos parece mesmo assim a mais provável por permitir associar uma grande actividade de carácter ritual e social a ambos os abrigos (Regato das Bouças 3 e Buraco da Pala), necessita de posterior confirmação, quando melhor se conhecer a ocupação pré-histórica desta serra.

De qualquer modo, também o painel 3 do abrigo 2 do Regato das Bouças, que contém, em associação, um antropomorfo de cabeça pentagonal provido de um “penacho” e uma face oculada/máscara, muito delida, aponta estilisticamente para sítios com arte cujas cronologias regionais se situam genericamente dentro do Calcolítico (III milénio AC), de que são exemplos Penas Róias ou Cachão da Rapa. Do ponto de vista estilístico, este antropomorfo, e particularmente a sua cabeça, também se pode associar à arte megalítica, vista a sua semelhança formal com o “idoliforme” da laje de cabeceira do dólmen de Antelas (Oliveira de Frades).

Estas incursões em alguns contextos regionais só nos indicam que ainda não é possível precisar de ponto de vista cronológico de que modos se foram ampliando os espaços e painéis pintados da Serra de Passos adentro de um período cronológico que situaríamos então entre os finais do V/inícios do IV milénio e os meados do III milénio AC.

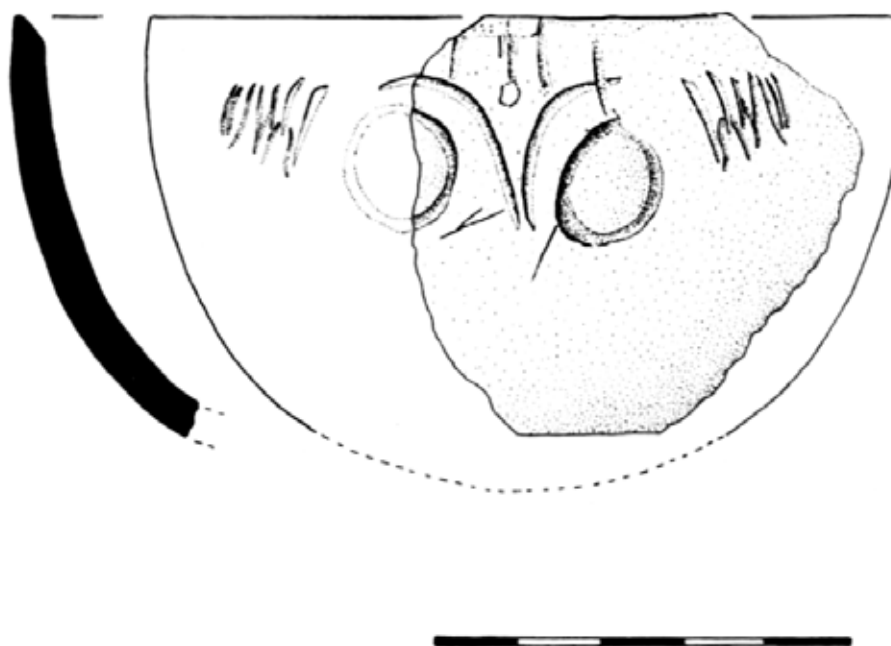


Fig. 11 – Recipiente cerâmico com decoração de tipo oculado exumado no nível I do abrigo do Buraco da Pala.

Ceramic vessel decorated with eye-idols motif, exhumed in level I of Buraco da Pala rockshelter

Os abrigos descobertos nos últimos anos na Serra de Passos, e em particular aqueles que se apresentam como painéis estruturados formados essencialmente com faces oculadas/máscaras e figuras oculadas de corpo inteiro – abrigos, 1, 11 e 15 A e B –, a que se convencionou chamar ídolos oculados, necessitarão eles próprios, no futuro, de uma análise profunda. De qualquer modo, estes motivos extremamente formalizados e variados, pintados em abrigos e que Pilar Acosta ilustra já em 1968 de modo tão variado (ACOSTA, 1968) eram desconhecidos, até à presente data, sob a forma de pintura ou gravura de ar livre, em todo o Noroeste da Península Ibérica. Sendo mais comuns em contextos geograficamente localizados a sul do sistema central, e em particular nas regiões de Valência e Andaluzia, têm cronologias que arrancam, nesta última região (Cueva de Los Murciélagos de Zuheros) do final do VI e do V milénio AC (GAVILÁN & ESCACENA, 2009). Embora presentes, ainda que raramente, na arte dos esteios e estelas dos dólmens de variadas regiões peninsulares, é sob a forma de arte móvel em contextos ligados aos antepassados (ídolos em osso, marfim e calcário, placas de xisto, cerâmicas, etc.), sobretudo a sul da bacia do Tejo, que têm a sua maior expressão, e cujo apogeu se centra no IV e III milénio AC, mas que arrancarão nalgumas regiões já no V milénio (BUENO, 2010), o que, se vier a ser comprovado, concordará com as datas de Los Murciélagos e com a sua adopção ideológica e formal no sul peninsular de forma relativamente rápida.

Mesmo assim as figuras oculadas não estão totalmente ausentes da Meseta Norte/Vale do Douro pois foram, ainda que escassamente, registadas em abrigos pintados da região de Soria e Salamanca³⁰ (RUIZ LÓPEZ, 2006). Cabe referir, mesmo assim, a diversidade formal destes desenhos oculados, dando a ideia de que a adopção local de imagens que formalmente evocam “faces” tatuadas com olhos que podem ser motivos solares associados entre si, seguirão uma dinâmica antropológica contextual difícil de entender completamente na actualidade mas cuja explicação só poderá ocorrer nos diferentes quadros regionais.

Destaca-se, mesmo assim, na região do vale del Amblés, em Ávila, a presença destas “faces” oculadas/máscaras em recipientes cerâmicos do povoado calcolítico de Los Itueros (Santa Maria de Arroyo), situado pelo C14 num intervalo de tempo situado entre 2600-2300/2200 AC (FABIÁN, 2006: 220, Fig. 89). Este mesmo povoado exhibe recipientes cerâmicos e particularmente uma fusaiola (também em cerâmica) onde se destacam motivos geométrico-abstratos, mas também zoomorfos esquemáticos mostrando assim que os desenhos de “máscaras” se distribuem, tal como os outros motivos que os acompanham na tradicional pintura esquemática (barras, antropomorfos, zoomorfos) por outros contextos de significação distintos dos abrigos. O mesmo fenómeno não é exclusivo deste povoado pois La Pena del Aguila de Muñogalindo (datado do final do IV e início do III milénio AC), ou La Dehesa (que se associa espacialmente a um abrigo com pinturas esquemáticas e antropomorfos) (FABIÁN, 2006), são somente mais dois exemplos da região de Ávila de que a intensificação da investigação regional pode vir a mostrar complexas relações inter e intra-comunitárias localizadas não somente em diferentes “espaços” dispersos pelo território, como dentro do tradicional “povoado”.

Na região do Noroeste Peninsular, a norte da bacia do Tejo, os abrigos de Passos representam por ora o único caso conhecido que exhibe em abrigos pinturas tão peculiares e formalmente tão diversas, mais correntes noutras regiões meridionais e orientais da Península Ibérica. Com menor elaboração formal surgem representações faciais com tatuagens e/ou sobranceiras noutros tipos de suporte – como a “face” da estela 6 do “recinto” do Cabeço da Mina (Assares-Vila Flor) (JORGE, 1999; SANCHES, 2011), próximas da região de Passos e nalguns monumentos megalíticos, sem configurarem a complexidade formal das figuras da Serra de Passos.

Através dos raros recipientes cerâmicos oculados do Nordeste de Portugal — um de um recinto em S. Lourenço, Chaves (JORGE, 1986), outro no de Castelo Velho de Freixo de Numão (BAPTISTA, 2003), outro no povoado da vinha da Soutilha-Chaves (JORGE, 1986) e outro ainda do armazém-celeiro do Buraco da Pala — verificamos que, tal como nos povoados da região de Ávila³¹, estes “motivos-ideia” de carácter

³⁰ Soria: abrigos de La Peñota, Peña de los Plantios e Valonsadero/; Solapa de los Angostillos, Sollapa del Jugo de Chita e Solapo del Aguila; Salamanca: Risco de los Altares (RUIZ LOPEZ, 2006).

³¹ Com efeito, na Meseta Norte (por ex. no povoado de Los Itueros-Ávila: FABIÁN, 2006) e Nordeste de Portugal expressam-se frequentemente em recipientes cerâmicos, como é o caso daquele de S. Lourenço (Chaves) (JORGE, S. 1986), sítio localizado numa região muito próxima de Passos (Veiga de Chaves), datados dos meados do III milénio AC.

transregional percorrem contextos de diversa índole que urge compreender na sua especificidade.

Neste caso não poderíamos deixar de referir o nível I (de armazenamento) do abrigo do Buraco da Pala, onde, entre centenas de recipientes, se encontrava somente uma metade de um vasilho de pequeno tamanho, também com decoração oculada, incisa na pré-cozedura e gravada após a cozedura. É o único recipiente de todo o abrigo que apresenta esta tão peculiar combinação de técnicas de execução, técnica que visou precisamente destacar os “olhos” (SANCHES, 1997: Est. XX e Fig. da pág. 142) (Fig. 11).

Do ponto de vista formal não replica exactamente os motivos dos abrigos 11 e 15A e B, 2 e 1. Porém, além de os oculados destes abrigos serem em si muito variados, devemos atender ao facto de que se trata, em ambos os casos, de imagens que carregam provavelmente sentidos distintos consoante o contexto, adaptando-se hipoteticamente o seu *design* às funções sociais de que fariam parte.

De novo, a datação pelo C14 deste nível I do Buraco da Pala (situado entre 2800-2500 AC) além de condicente com a dos sítios citados anteriormente, constitui um parâmetro cronológico bastante fiável com as imagens e contextos que estamos a correlacionar. Mas se reflectirmos na “sobreposição” cronológica dos diferentes sítios enunciados atrás, localizados no que poderemos denominar de zona mais ocidental da Meseta/Nordeste de Portugal, então será o período compreendido no II e o terceiro quartel do III milénio AC aquele onde, por ora, se poderão situar com mais segurança tais figuras oculadas nesta vasta região. Resta perseguir, evidentemente, na sua interpretação contextual, como temos vindo a repetir, pois a localização dos factos no tempo não é em si um objectivo suficiente à pesquisa do passado.

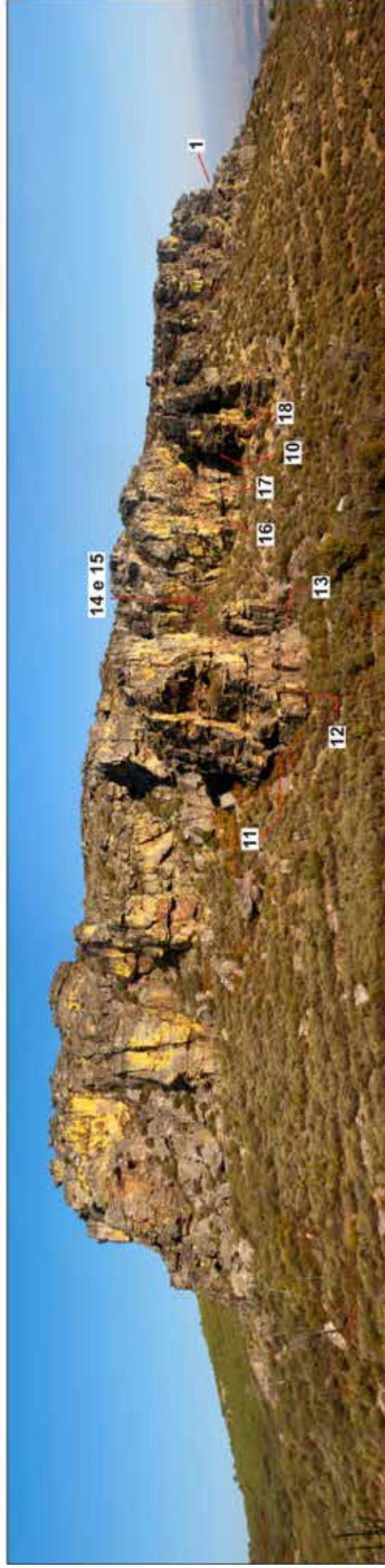
Novembro de 2013.

5. BIBLIOGRAFIA

- ACOSTA, P. (1968). *La Pintura Rupestre Esquemática en España*. Salamanca: Universidad de Salamanca.
- AGROCONSULTORES & COBA. (1991). *Carta dos solos, carta do uso actual da terra e carta da aptidão da terra do Nordeste de Portugal. Projecto de Desenvolvimento Rural Integrado de Trás-os-Montes*. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- BALTAZAR, A. M. (2008). *Localização e descrição de sítios com arte rupestre no concelho de Valpaços. Relatório de Seminário em Arqueologia defendido na FLUP (policopiado)*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- BAPTISTA, A. M. (1999). *No Tempo sem Tempo. A arte dos caçadores paleolíticos do Vale do Côa*. Col. Albuns do PAVC. Parque Arqueológico do Vale do Côa.
- BAPTISTA, A. M. (2009). *O paradigma perdido: o Vale do Côa e a arte paleolítica de ar livre em Portugal*. Porto: Edições Afrontamento.
- BUENO RAMIREZ, P. (2010). “Ancestros e imágenes antropomorfas muebles en el ámbito del megalitismo occidental: las placas decoradas”. In C. Cacho, M. R., E. Galán, & J. Martos, *Ojos que nunca se cierran. Ídolos en las primeras sociedades campesinas* (pp. 39-77). Madrid: Museo Arqueológico Nacional.
- BUENO RAMIREZ, P., & BALBÍN BEHRMANN, R. (2000). “Art mégalithique et art en plein air. Approches de la définition du territoire pour les groupes producteurs de la Péninsule Ibérique”. *L'Anthropologie*, 104. pp. 427-458.
- BUENO RAMIREZ, P., Balbín Behrmann, R., Barroso Bermejo, R., & Carrera Ramirez, F. (2011). “Painting versus engraving: paleolithic and post-paleolithic rock art in the internacional Tagus-Sierra de San Pedra (Santiago de Alcantara and Valencia de Alcantara, Cáceres)”. In Bueno Ramirez, Cerrillo Cuenca, P. E. & Gonzalez Cordero, A (Eds.), *From the Origins: the Prehistory of the Inner Tagus Region* (pp. 7-22). London: BAR, S2019.
- CRUZ, D. J. (1995). “Cronologia dos monumentos com tumulus do Noroeste Peninsular e da Beira Alta”. *Estudos Pré-históricos*, 8. CEPBA. pp. 19-47.
- CRUZ, D. J. (2001). *O Alto Paiva: megalitismo, diversidade tumular e práticas rituais durante a Pré-história Recente*. Dissertação de Doutoramento (policopiada). Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- FABIÁN GARCÍA, F. (2006). *El IV y el III Milenio AC en el Valle Amblés (Ávila)*. *Arqueologia de Castilla y León - Série de Monografias* (Vol. 5). Salamanca: Junta de Castilla e León.
- FIGUEIRAL, I., & SANCHES, M. J. (1998-1999). “A contribuição da antracologia no estudo dos recursos florestais de Trás-os-Montes e Alto Douro durante a Pré-história Recente”. *Portugália*, nova série, XIX-XX. pp. 71-101.

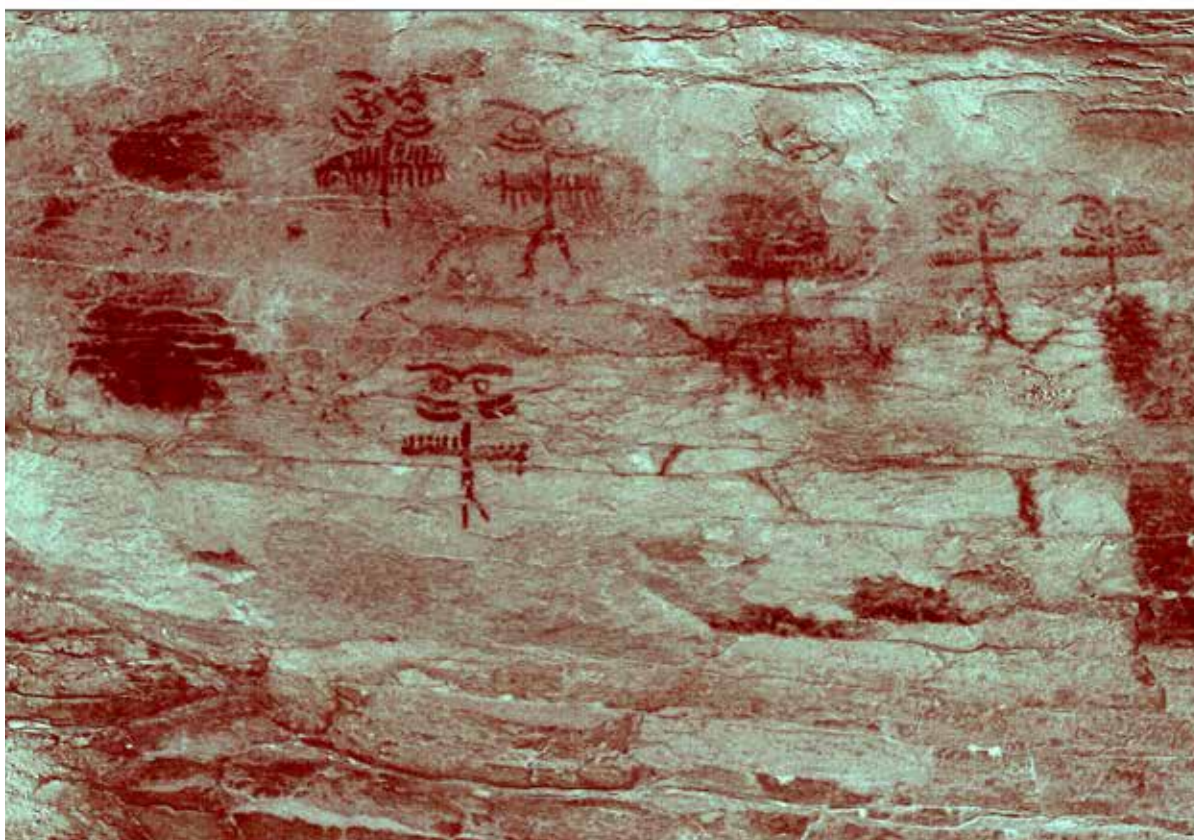
- FIGUEIREDO, S. & BAPTISTA, A. (2009). "As pinturas esquemático-simbólicas do Forno da Velha (Lagoa, Macedo de Cavaleiros): um diálogo entre a arqueologia e a geologia". In Bettencourt, A. & Alves, L. (Eds.), *Dos montes, das pedras e das águas. Formas de interação com o espaço natural da Pré-história à actualidade* (pp. 11-24). Braga: CITCEM e APEQ.
- FIGUEIREDO, S., & BAPTISTA, A. (2013). "A arte esquemática pintada em Portugal". In Martínez García, J. & Hernández Pérez, M. S. (Eds.), *Actas del II Congreso de Arte Rupestre Esquemático en la Península Ibérica* (pp. 301-315). Ayuntamiento Velez Blanco.
- GAVILÁN, B. & ESCACENA, J. L. (2009). "Acerca del primero neolítico de Andalucía occidental. Los tramos medio y bajo de la cuenca del Guadalquivir". *Mainake*, XXXI, pp. 311-351.
- GONÇALVES, A. H., & CRUZ, D. J. (1994). "Resultados do trabalho de escavação da Mamoa 1 de Madorras (S. Lourenço de Ribapinhão, Sabrosa, Vila Real)". *Estudos Pré-históricos*, 2. CEPBA. pp. 171-231.
- JORGE, S. O. (1986). *Povoados da Pré-história Recente (III^o-inícios do II^o milénio A.C.) da região de Chaves-Vila Pouca de Aguiar (Trás-os-Montes Ocidental)*, (Vols. Ia, Ib e II). Porto: Instituto de Arqueologia da FLUP.
- JORGE, S. O. (1999). "Stèles et statues-menhires de l'Age du Bronze de la Péninsule Ibérique: discours de pouvoir. L'Europe au Temps d'Ulisses". *Dieux et Héros de l'Âge du Bronze*, 25. *Exposition de l'art du Conseil de la Europe* (pp. 114-122). AFAA.
- JORGE, V. O., BAPTISTA, A. M., JORGE, S. O., SANCHES, M. J., SILVA, E. J., SILVA, M. S., CUNHA, A. L. (1988). "O abrigo com pinturas rupestres da Fraga d'Aia (Paredes da Beira, S. João da Pesqueira) - Notícia preliminar". *Arqueologia*, 18. pp. 109-130.
- LUÍS, L. (2009). "Rock art as land art. A diachronic view of the Côa Valley (NE Portugal) post-paleolithic rock art". In R. Balbín, P. Bueno, R. González, & C. Arco (Eds.), *Rock Carvings of the European and African Atlantic Façade* (pp. 129-147). London: BAR S2043.
- MESQUITA, A. M. (2008). *A Estação Rupestre da Fraga das Passadas (Água de Revés e Crasto - Valpaços). Estudo Preliminar. Relatório de Seminário em Arqueologia defendido na FLUP*. Porto: FLUP.
- PIRES, H., LIMA, P., & PEREIRA, L. B. (2011). "Novos métodos de registo digital de arte rupestre: digitalização tridimensional e fotografia multiespectral. Estelas e Estátuas-menires da Pré à Proto-história". *Actas das IV Jornadas Raianas* (pp. 175-186). Sabugal: Câmara Municipal do Sabugal, CEAUCP e DHAA da FLUC.
- REBANDA, N. (1995). "Barragem de Vila Nova de Foz Côa. Os Trabalhos Arqueológicos e o Complexo de Arte Rupestre", *Boletim*, Universidade do Porto, pp 11-16.
- REIS, M. (2011). "Prospecção da Arte Rupestre do Côa: ponto da situação em Maio de 2009", *Actas do V Congresso de Arqueologia Interior Norte e Centro de Portugal, Figueira de s Rodrigo, Meda, Pinhel e Vila Nova de Foz Côa*, 13 a 16 de Maio de 2009 (pp. 11-123). Caleidoscópio, Direcção Regional da Cultura do Norte.
- REIS, M. (2012). "Mil Rochas e tal! Inventário dos Sítios de Arte Rupestre do Vale do Côa", *Portugália*, nova série, XXXIII. pp. 5-72.
- RIBEIRO, A. (1974). *Contribution à l'Étude Tectonique de Trás-os-Montes Oriental*. Memórias dos Serviços Geológicos de Portugal, Nova Série, 24 .
- RIBEIRO, O. (1977). *Introduções Geográficas à História de Portugal. Estudo crítico*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- RUIZ, J. F., HERNANDEZ, A., ARMITAGE, R., ROWE, M., VIÑAS, R., GAVIRA-VALLEJO, J., RUBIO, A. (2012). "Calcium oxalate AMS 14C dating and chronology of post-Palaeolithic rock paintings in the Iberian peninsula. Two dates from Abrigo de los Oculados (Henarejos, Cuenca, Spain)". *Journal of Archaeological Science*, 39. Elsevier Masson. pp. 2655-2667.
- SANCHES, M. J. (1990). "Les abris peints de Serra de Passos (Nord du Portugal) dans l'ensemble de l'art rupestre de cette région". *Actes du 115^{ème} Congrès National des Sociétés Savantes (Avignon)* (pp. 56-69). Paris: CTHS.
- SANCHES, M. J. (1997). *Pré-história Recente de Trás-os-Montes e Alto Douro (Vol. I e II)*. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.
- SANCHES, M. J. (2002). "Spaces for social representation, choreographic spaces and paths in the Serra de Passos and surrounding lowlands (Trás-os-Montes, Northern Portugal) in late prehistory". *ARKEOS*, 12, CEIPHAR. pp. 65-105.
- SANCHES, M. J. (2006). "Abrigos com pintura rupestre esquemática da Serra de Passos/Sta Comba" [caixa inserta no cap. III]. In BROCHADO DE ALMEIDA, C. A. (coord.), *História do Douro*, 1 (pp. 126-129). Porto: GEHVID.
- SANCHES, M. J. (2007). "Lenda da Santa Comba e do Rei D'Orelhão". *Actas das IX Jornadas Culturais de Balsamão (2006)*, (pp. 203-205). Chacim.
- SANCHES, M. J. (2009). "Arte dos dólmenes do Nordeste da Península Ibérica: uma revisão analítica". *Portugália*, nova série, XXIX-XXX, pp. 5-42.

- SANCHES, M. J. (2010). "As estelas antropomórficas de Picote-Miranda do Douro (Trás-os-Montes)". In Vilaça, R. (Ed.), *IV Jornadas Raianas "Estelas e Estátuas-menires da Pré à Proto-história"* (pp. 145-174). Sabugal: C. M. Sabugal, CEAUCP e Instituto de Arqueologia do DHAA da FLUC.
- SANCHES, M. J. (2012). "Pensar a Arte Rupestre através dos métodos e técnicas de registo e de representação. Uma abordagem ensaística". In SANCHES, M. J. (Ed.), *1ª Mesa Redonda Artes Rupestres da Pré-história e da Proto-história. Paradigmas e Metodologias de Registo. Trabalhos de Arqueologia*. 45 (pp. 161-184). Lisboa: DGPC.
- SANCHES, M. J. & NUNES, S. A. (2004). "Resultados da escavação da Mamoa d'Alagoa (Toubres - Jou), Murça (Trás-os-Montes)". *Portugália*, nova série, 25, pp. 5-42.
- SANCHES, M. J., NUNES, S. A. & SILVA, M. S. (2005). "A Mamoa 1 dos Castelo (Jou), Murça (Trás-os-Montes). Resultados dos trabalhos de escavação e de restauro dum dólmen de vestibulo". *Portugália*, nova série, XXVI, pp. 5-47.
- SANCHES, M. J., SANTOS, P. M., BRADLEY, R., & FABREGAS, R. (1998). "Landmarks - a new approach to the rock art of Trás-os-Montes, Northern Portugal". *Journal of Iberian Archaeology*, 0, pp. 85-113.
- SANCHES, M. J. & TEIXEIRA, J. C. (2013). "An Interpretative approach to "devil claw" carvings: the case of River Tua Mouth Rock shelter (Alijó, Trás-os-Montes, Northeast Portugal)". *XXV Valcamonica Symposium: Art as a source of History, 20-26 de Setembro* (pp. 59-68). Capi di Ponte, Itália: Centro Camuno di Studi Preistorici.
- SANCHIDRIÁN, J. L. (2001). *Manual de Arte Prehistorico*. Ariel Prehistoria.
- SANTOS JÚNIOR, J. R. (1963). "As gravuras litropticas de Ridevides (Vilariça)". *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 19-2. Porto, pp. 108-144 e XVIII estampas.
- SHEE, E. T. (1981). *The Megalithic Art of Western Iberia*. Clarendon Press.
- TEIXEIRA, J. C. (2013). *Relatório final do levantamento de arte rupestre do EO 221 - Parada (Alfândega da Fé). Empreitada Geral de Construção do Aproveitamento Hidroeléctrico do Baixo Sabor. Plano de Salvaguarda do Património*.



Em cima: Escarpa do Buraco da Pala com localização dos seus abrigos. Em baixo: escarpa da margem esquerda do Regato das Bouças com localização dos abrigos mencionados no texto.

Above: Buraco da Pala Escarpment with the localization of its Rockshelters. Below: escarpment of the left bank of Regato das Bouças water stream, with the localization of the Rockshelters mentioned in this article.



Em cima: escarpa que integra o Abrigo 3 (a fenda maior) e o Abrigo Vermelho do Regato das Bouças. Em baixo: painel (incompleto) do abrigo 11 do Regato das Bouças (foto tratada digitalmente com o plug-in D-stretch do programa ImajeJ).

Above: escarpment that integrates Rockshelter 3 (the biggest slit) and the Abrigo Vermelho of Regato das Bouças. Below: panel (incomplete) of rockshelter 11 of Regato das Bouças. (The picture underwent digital enhancement using the plug-in D-stretch of ImajeJ software).



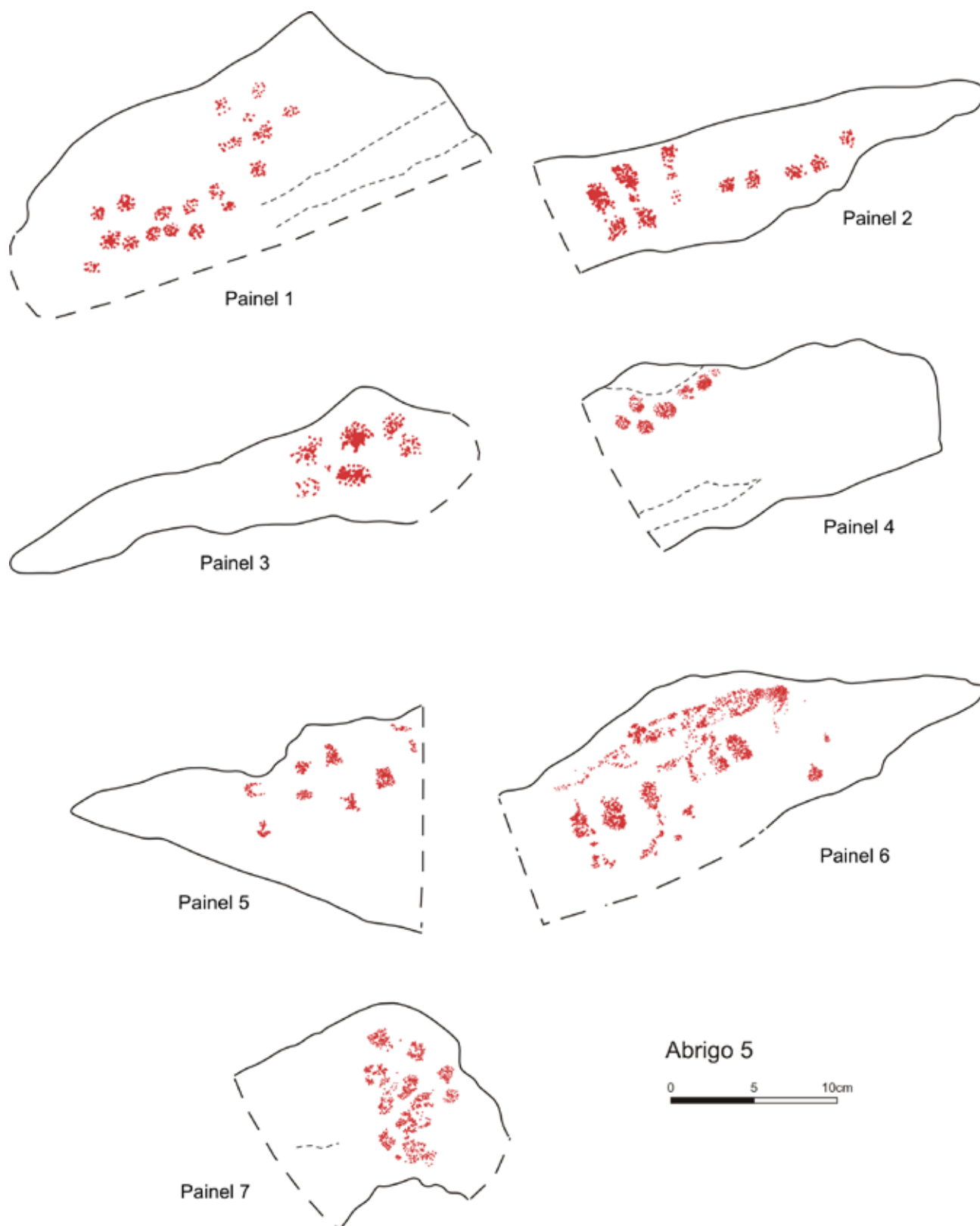
Em cima: faces/máscaras oculadas do Abrigo 15A. A da esquerda tem cerca de 7 cm de altura e a da direita cerca de 5,5 cm (fotos tratadas com o plug-in D-stretch do programa ImajeJ). Em baixo: vista geral dos abrigos 15A – seta superior –, e 15B – seta inferior.

Above: Eye-idol faces/masks of Rockshelter 15A. The left one's height is around 7cm, and the right one around 5,5cm (Both these pictures underwent digital enhancement using the plug-in D-stretch of ImajeJ software). Below: general view of the Rockshelters 15A – upper arrow –, and 15B – lower arrow.



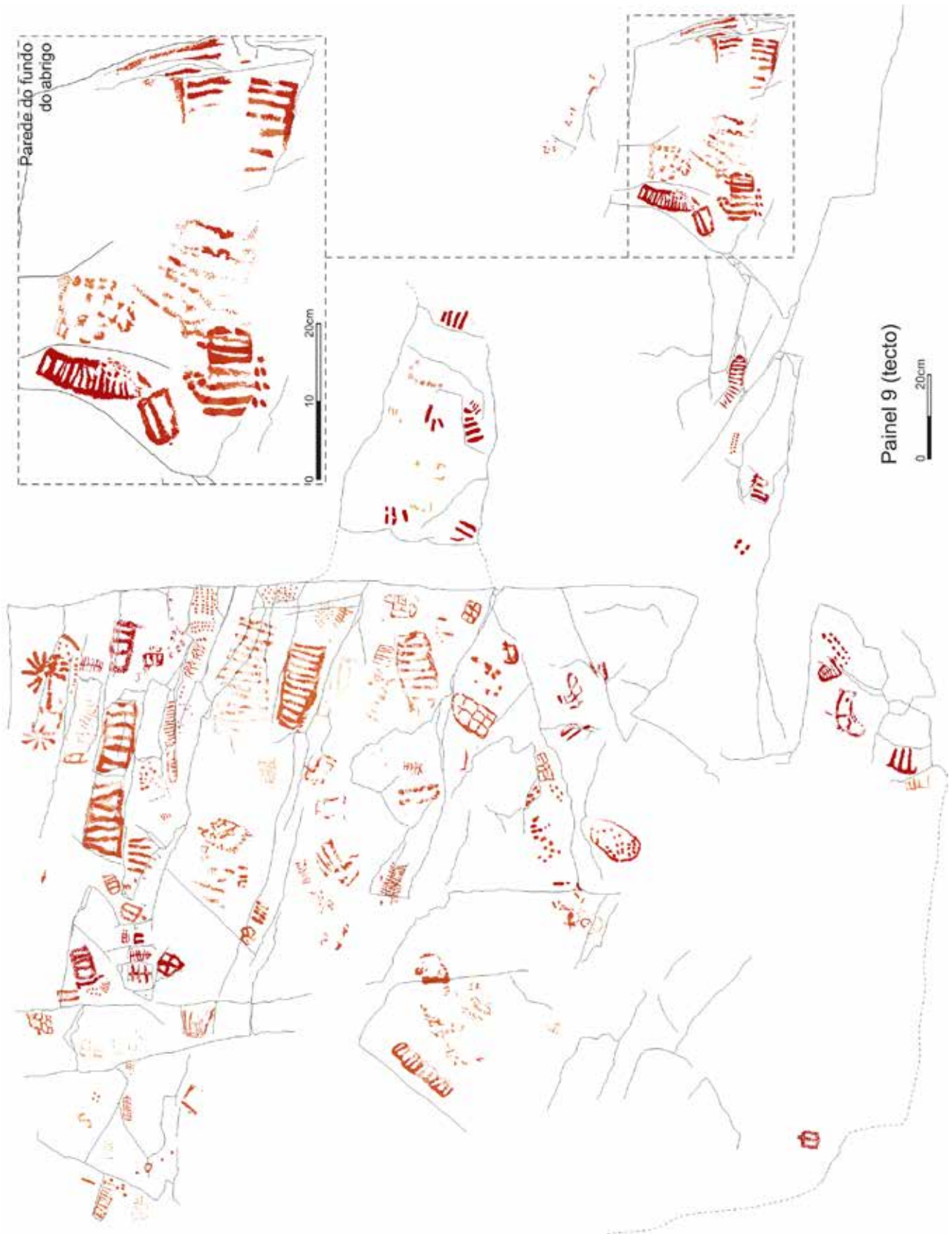
Painéis 1, 2 e 3 do abrigo 2 do Regato das Bouças.

Panels 1, 2 and 3 of Rockshelter 2 of Regato das Bouças.



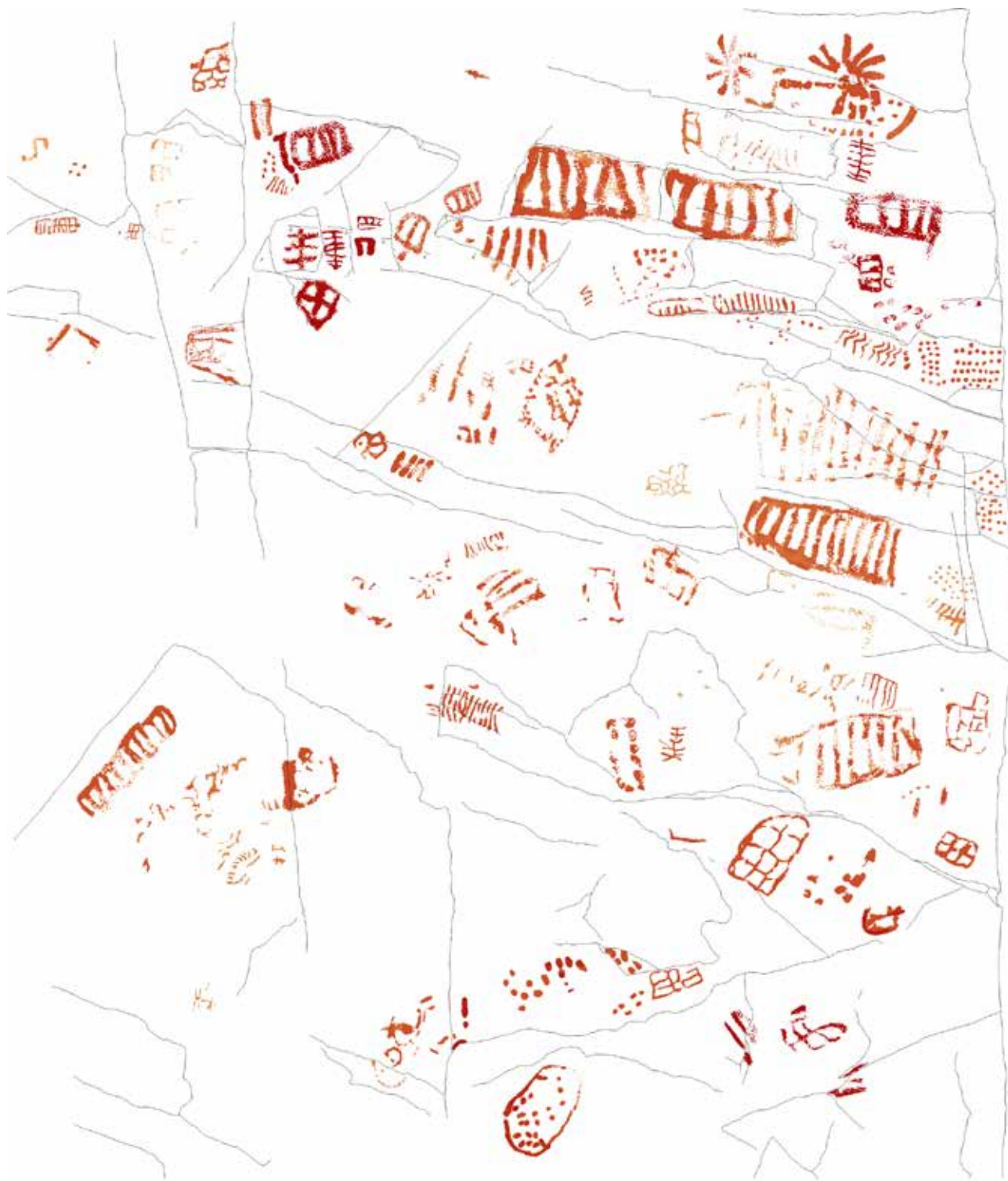
Painéis 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7 do abrigo 5 do Regato das Bouças.

Panels 1, 2, 3, 4, 5, 6, and 7 of Rockshelter 5 of Regato das Bouças.



Tecto do abrigo 3 do Regato das Bouças (painel 9). Inclui ainda a ampliação da parte mais recuada desse painel que apresenta sobreposições.

Ceiling of Rockshelter 3 of Regato das Bouças (panel 9). It also includes the widening of the deepest part of that panel which displays overlapping figures.

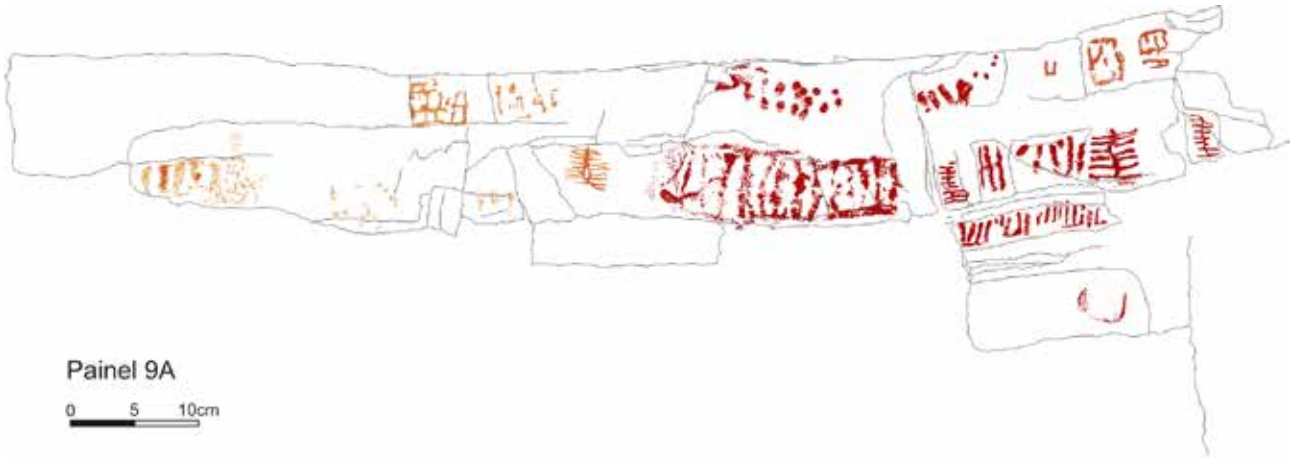


Painel 9 (extracto)

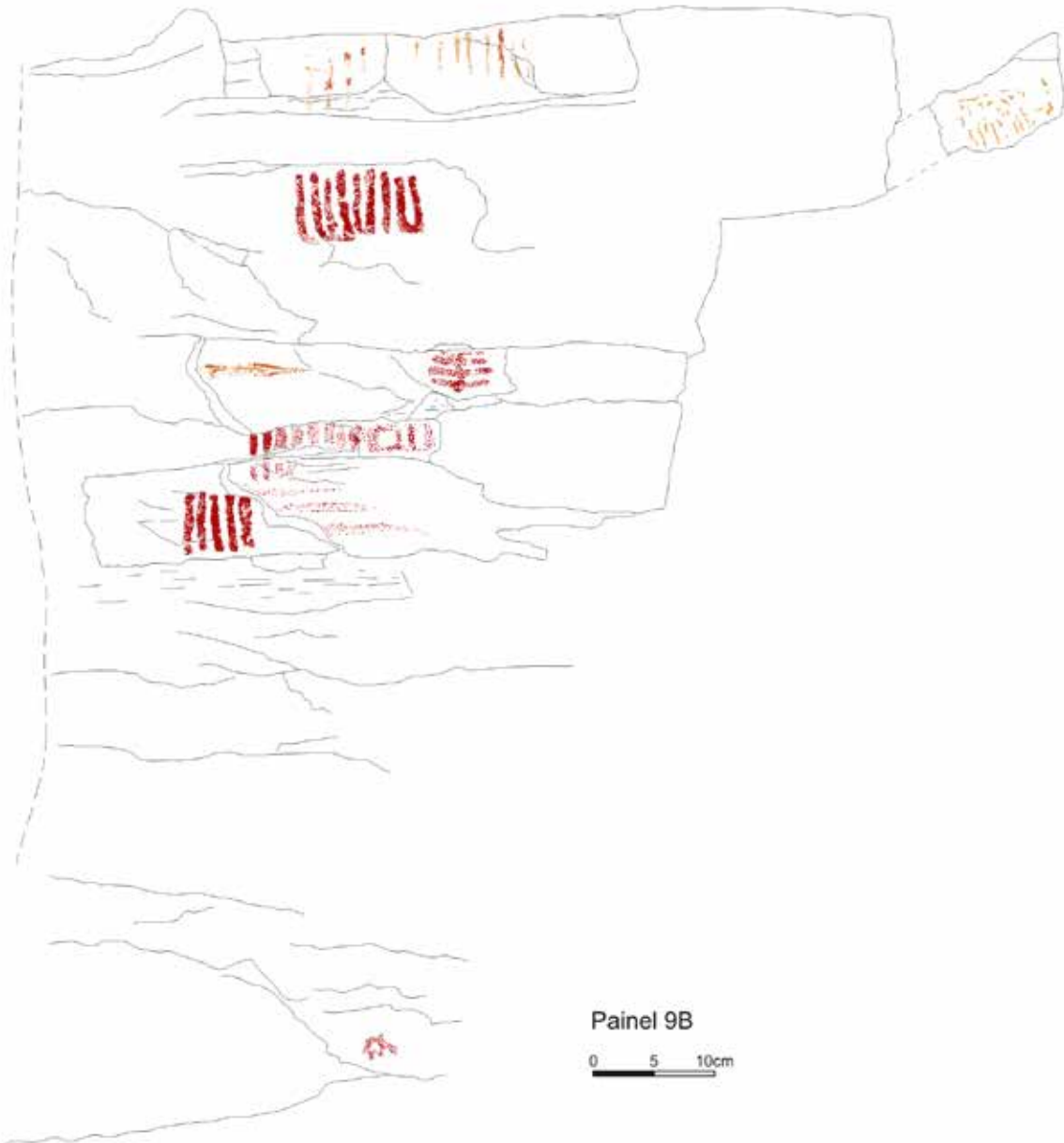
0 10 20cm

Extracto do tecto do abrigo 3 do Regato das Bouças (painel 9).

Ceiling extract of Rockshelter 3 of Regato das Bouças (panel 9).

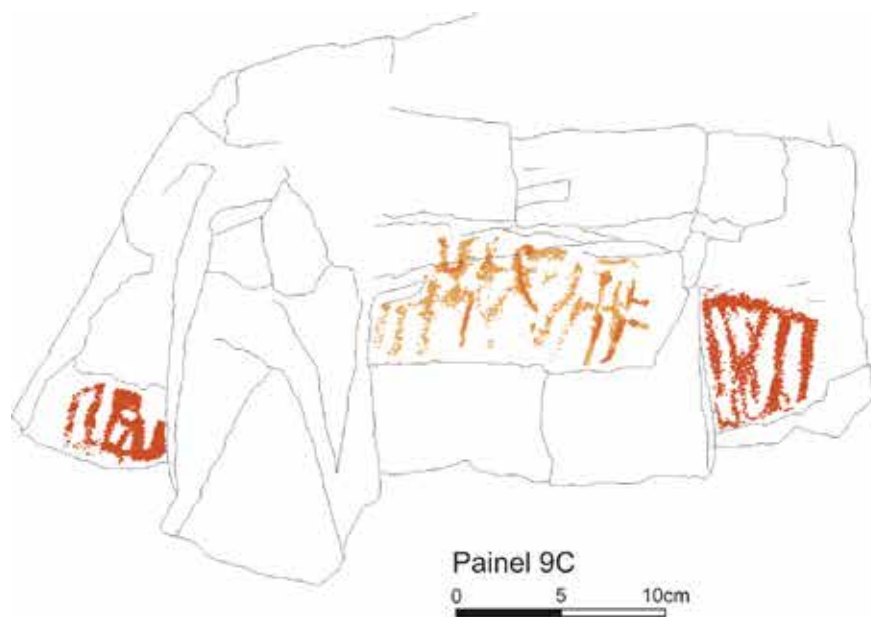


Painel 9A
0 5 10cm



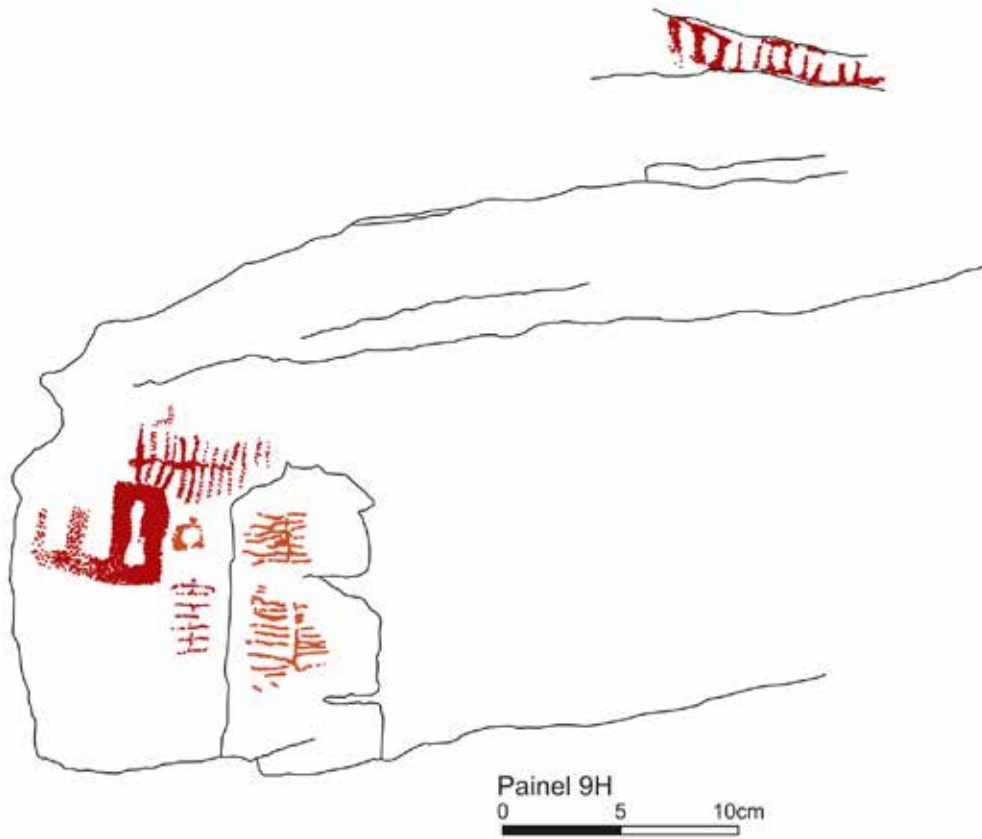
Painel 9B
0 5 10cm

Painéis 9A e 9B (verticais) do abrigo 3 do Regato das Bouças.
Panels 9A and 9B (vertical) of Rockshelter 3 of Regato das Bouças.



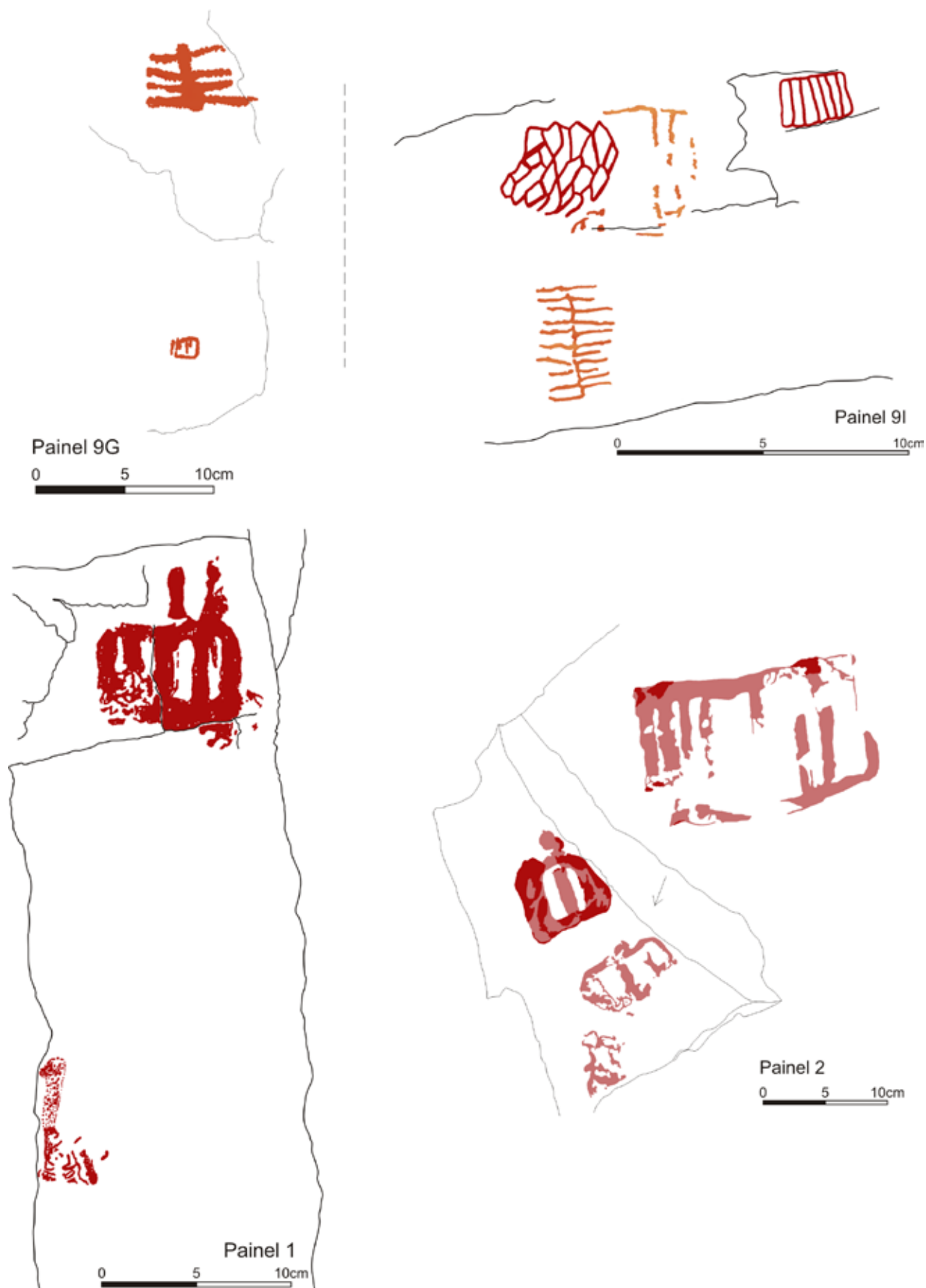
Painéis 9C e 9D e 9E do abrigo 3 do Regato das Bouças.

Panels 9C e 9D and 9E of Rockshelter 3 of Regato das Bouças.



Painéis 9F e 9H do abrigo 3 do Regato das Bouças.

Panels 9F and 9H of Rockshelter 3 of Regato das Bouças.



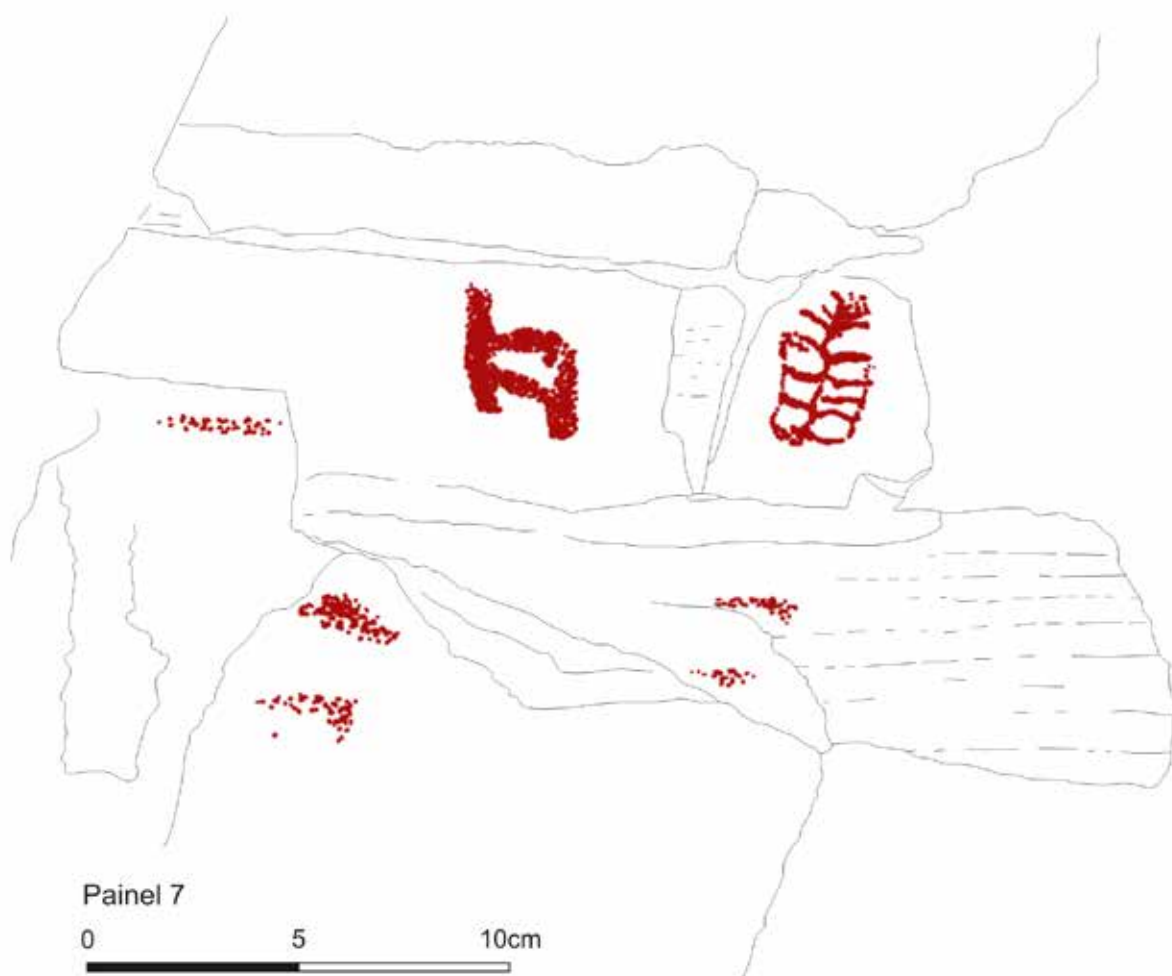
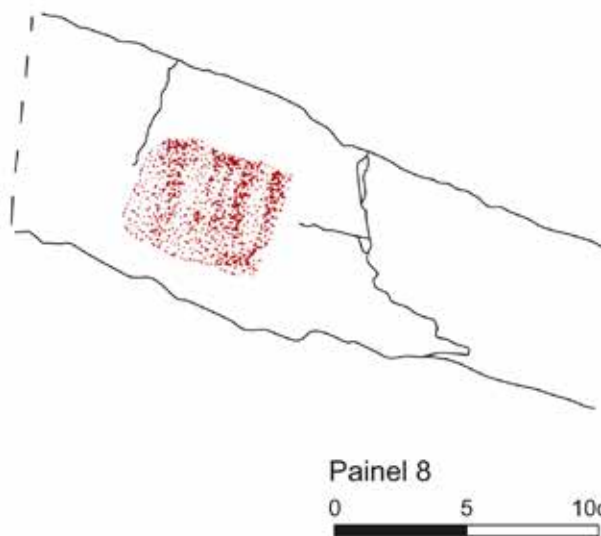
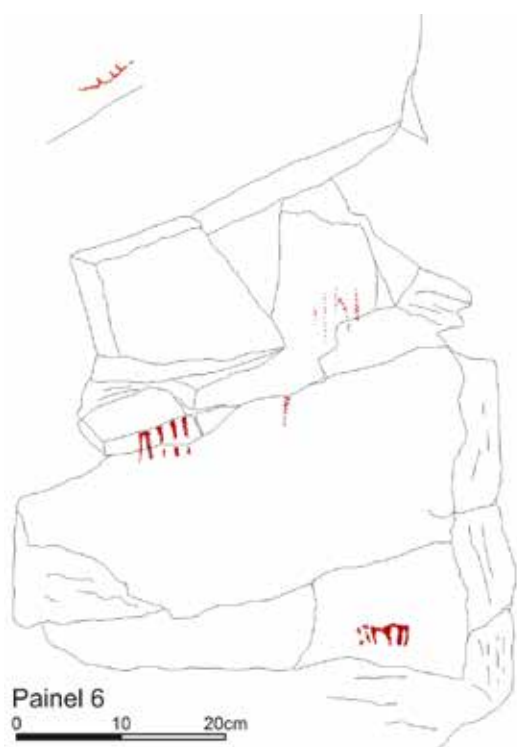
Abrigo 3 do Regato das Bouças. Em cima: painéis 9G e 9I (interiores). Em baixo: painéis 1 e 2 (exteriores).

Rockshelter 3 of Regato das Bouças. Above: Panels 9G and I (interior). Below: panels 1 and 2 (exterior).

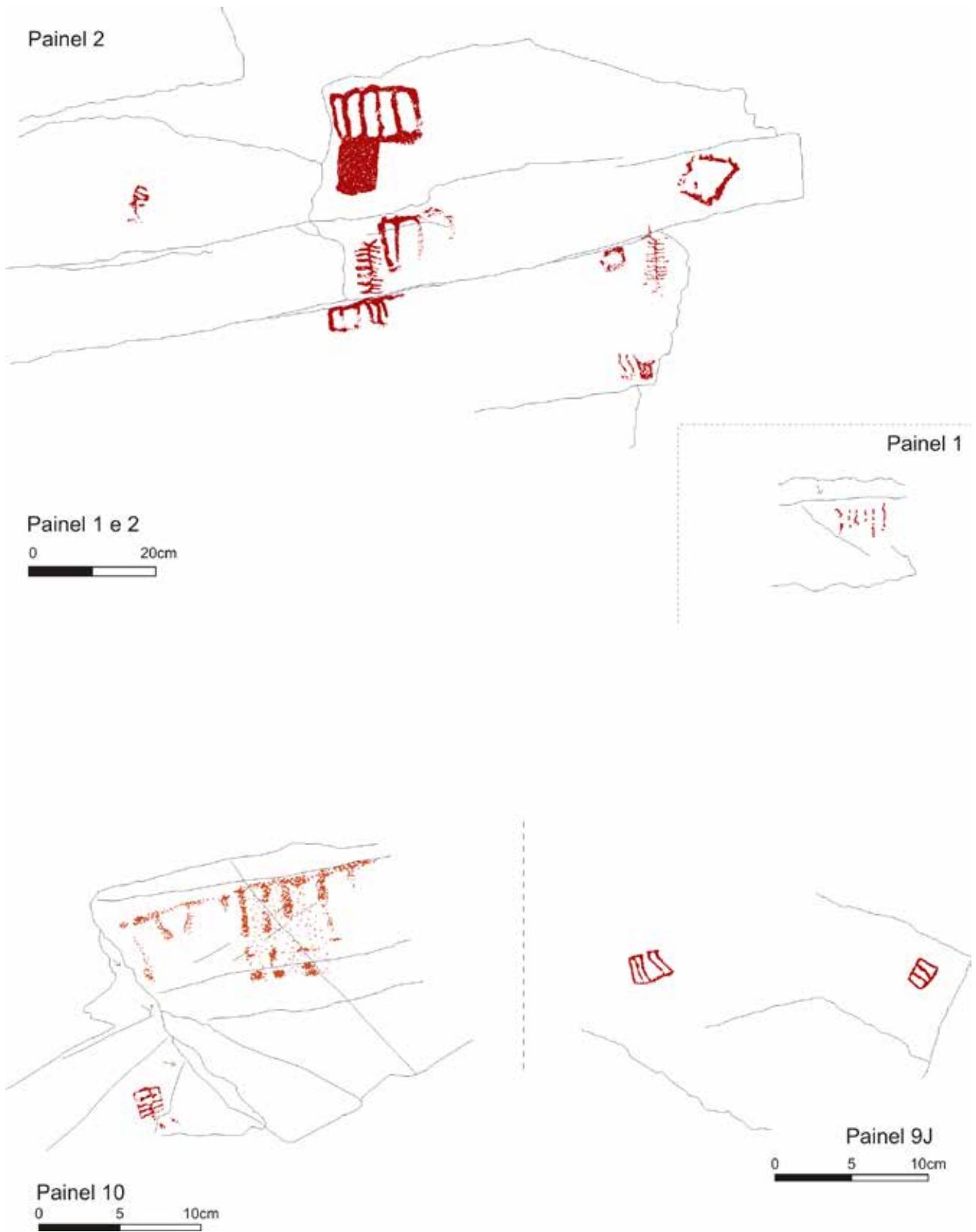


Abrigo 3 do Regato das Bouças: painéis 3, 4 e 5 (exteriores).

Rockshelter 3 of Regato das Bouças: panels 3, 4 and 5 (exterior).



Abrigo 3 do Regato das Bouças: painéis 6, 7 e 8 (exteriores).
Rockshelter 3 of Regato das Bouças: panels 6, 7 and 8 (exterior).

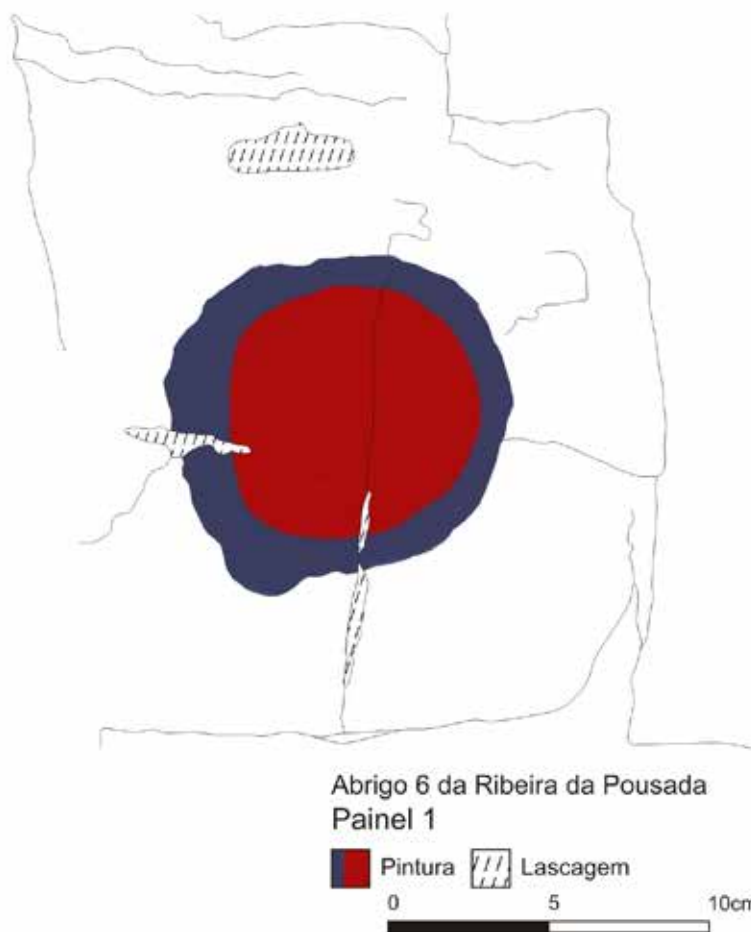
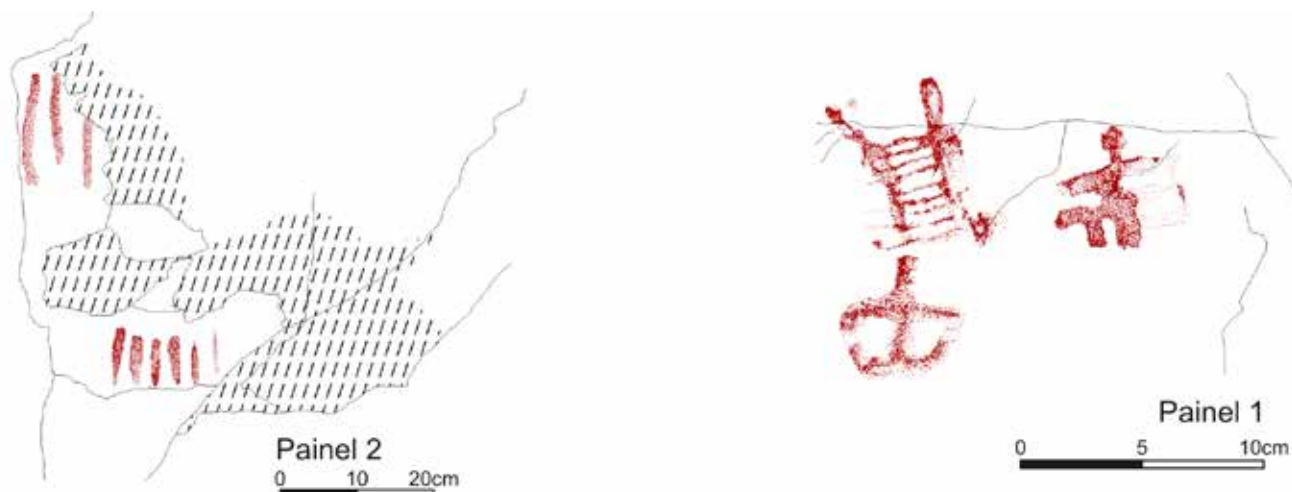


Em cima: painéis 1 e 2 do abrigo 8 do Regato das Bouças.

Em baixo: painel 9J (interior) e 10 (exterior) do abrigo 3 do Regato das Bouças.

Above: panels 1 and 2 of Rockshelter 8 of Regato das Bouças.

Below: panels 9J (interior) e 10 (exterior) of Rockshelter 3 of Regato das Bouças.



Em cima: painéis 1 e 2 do abrigo do Buraco da Pala.

Em baixo: painel 1 do abrigo 6 da Ribeira da Pousada.

Above: Panels 1 and 2 of Buraco da Pala Rockshelter.

Below: panel 1 of Ribeira da Pousada Rockshelter number 6.



Painéis 1, 2 e 3 do abrigo 11 da Ribeira da Cabreira (exterior).

Panels 1, 2 and 3 of Ribeira da Pousada Rockshelter (exterior).